

HUMOR, SEXO, ROCK'N'ROLL & OUTRAS COISAS DIVERTIDAS

ESPECIAL!
MELHORES MOMENTOS

editora
Ja

10

Especial
R\$ 8,00

JARARACA ALEGRE

Desde 1975



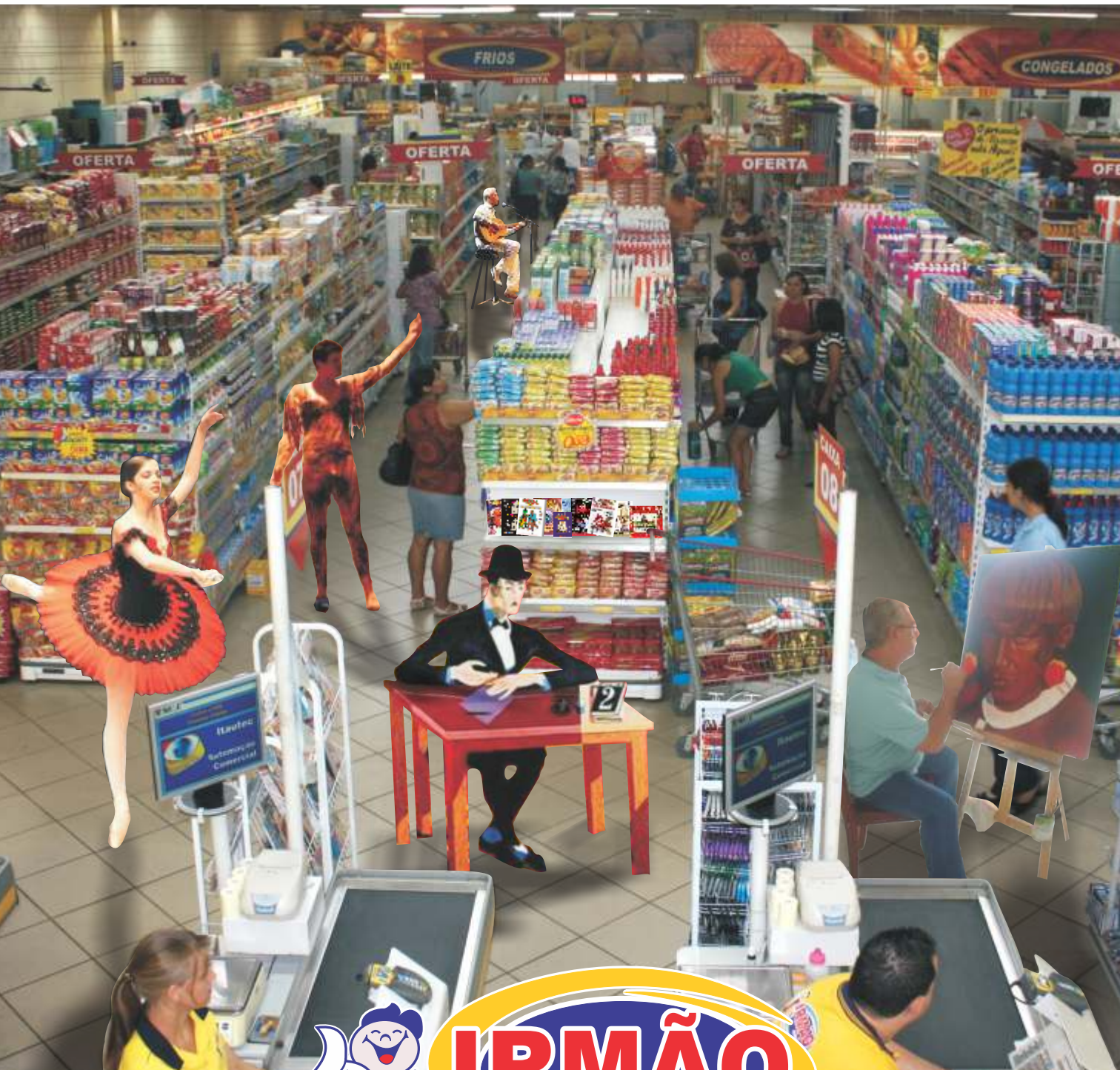
ESQUEÇA O PASSADO

MAS DÊ UMA ÚLTIMA OLHADINHA

Reedição nem um pouco criteriosa dos melhores momentos primeiras edições
da nova série da JARARACA ALEGRE (2000/2012)

Irmão Supermercados.

Aqui tem cultura!

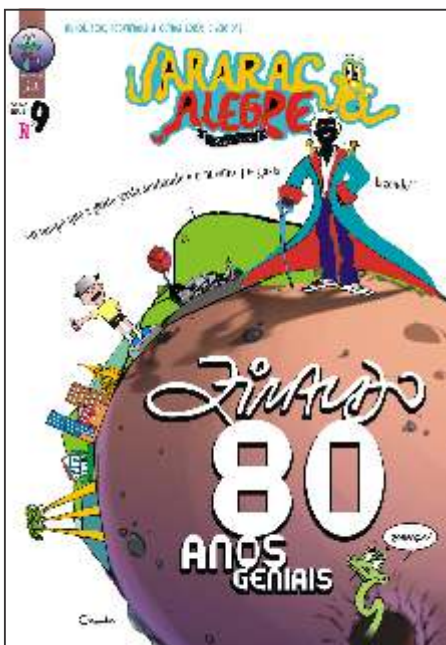


Apoiar a cultura é parte
do nosso compromisso
com a comunidade.



IRMÃO
SUPERMERCADOS

Orgulho de ser de Caratinga.
www.superirmao.com.br

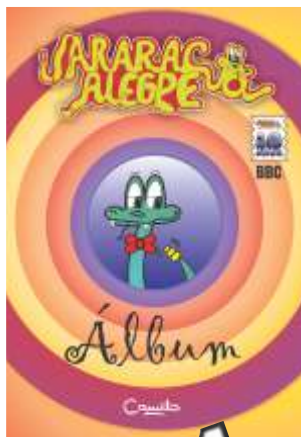


HOMENAGEM



No aniversário de Caratinga em 2009, a **Jararaca Alegre** foi homenageada com desfile pela E. E. Menino Jesus de Praga, e seu editor **Camilo Lucas**, foi enfocado em um selo dos **Correios**, junto a outros caratinguenses que militam no meio cultural.

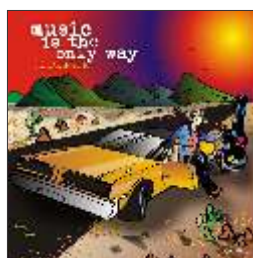
JARARACA ALEGRE 30 ANOS



A comemoração em 2005, exatamente no dia 18 de junho, que é a data de capa da primeiríssima edição da **Jararaca Alegre** lançada em 1975, reuniu centenas de amigos que eram estudantes no Colégio Estadual de Caratinga na época, numa festa a la Anos 70, animada pela banda **Fireball** e marcada pelo trágico falecimento, dias antes, do músico **Claudio Soulei**, que estava preparando a música da festa, em um acidente de moto.

JARARACA RECORDS: Acústico Cabeto | Music is the only way Auder Jr. | Rock'n Roll Alligator's Band | Cores Vivas Anália | Cadê o

trem? Cabeto | Sobreviventes Sérgio Mogga | Ciranda da lua inteira Renata Cordeiro | Jóia rara Tando Soulei | Soul to shuffle Audergang



Jararaca Books



Editor | Diretor de arte
Camilo Antônio Lucas Silva

BBC: Baby, Boca e Camilo (Ou Boca, Baby e Camilo, sei lá)

Redação

Maxs Portes, Robert de Andrade, Raul Miranda, Felipe Senra Lucas, Juliana Senra Lucas, Sylvio Abreu, Manoel Boca, Cabeto (Carlos A. Carli), Sérgio Rodrigues (Mogga), Fernanda Cordeiro, Jairo Faria, Flávio C. Rodrigues, Marcelo P. Coutinho, Marco Antônio Porcaro, Alessandro S. Leite

Diretor de faxina

Agripino Vilas Novas (Aspirino - volta Aspirino!!)

Colaboraram nesta edição

Os melhores cartunistas, escritores, poetas, jornalistas, músicos, fotógrafos, artistas plásticos que o dinheiro pode pagar. (Matérias assinadas)

www.jararacaalegre.com.br

jararacaalegre@hotmail.com

jararacaalegre.blogspot.com

@jararacaalegre

Facebook: Jararaca Alegre

Rua João Pinheiro, 116-C - Centro

CEP 35.300-039 Caratinga MG

Comentários, sugestões, elogios e vultosas
doações são bem-vindos, com ou sem hífem.



**Todo este trabalho
só foi possível
graças a...**

INCENTIVO



PATROCINIO



...E muita gente boa que contribuiu!

A Jararaca alegre começou a ser publicada em 1975. Desde que iniciou uma **nova fase**, no ano 2000, zerando a sua numeração, foram publicadas 9 edições, além de livros, edições especiais e CDs com os trabalhos dos músicos que integram nossa equipe.

De lá pra cá, a revista passou a atingir um novo público. Hoje, muitos querem conhecer as edições anteriores. Na impossibilidade de reeditá-las, fizemos esta edição especial com os **melhores momentos das edições 1 a 7**. As páginas aparecem como publicadas originalmente, por isso a falta de unidade visual em muitos casos. A partir da edição 8, as tiragens ficam maiores e teremos estoque por um bom tempo.



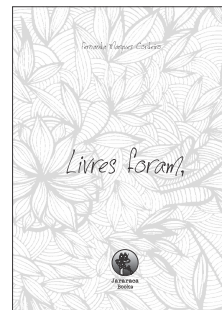
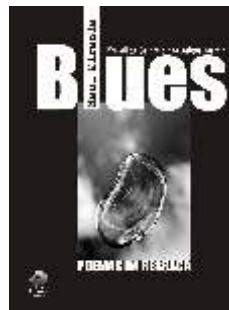
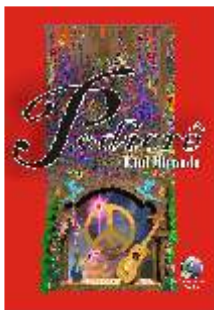
Na redação da **Jararaca Alegre** convivem artistas de vários matizes. Quando um poeta ou escritor decide publicar um livro ou um músico decide gravar seu CD, a **Jararaca Books** e a **Jararaca Records** entram em ação, elaborando projetos, viabilizando a produção, tornando os custos minimizados a ponto de o autor conseguir por seu trabalho na rua. É um trabalho de «**brodagem**», onde um artista colabora com seu trabalho para que o outro possa viabilizar o seu. Nestas páginas, você pode ver os lançamentos do grupo que produz a **Jararaca Alegre** desde o ano 2000.

É um orgulho muito grande saber que uma produção como esta pôde ver a luz do sol graças ao nosso trabalho de equipe. Um pouco destes autores você confere nas páginas seguintes. Não, não tem índice, vai «no zói» mesmo ok? Boa leitura!

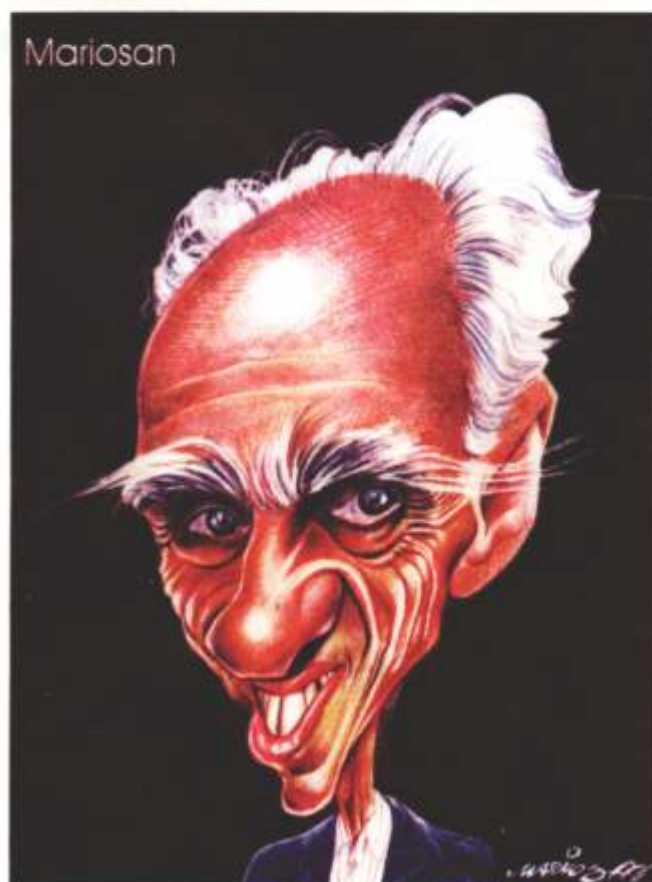
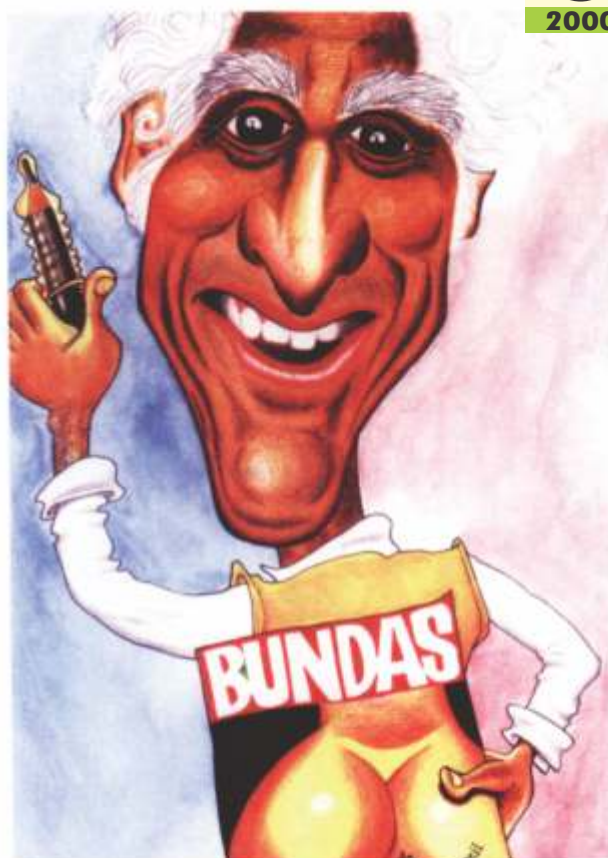
Camilo
Editor

Esta edição foi finalizada ao som de **The Beatles** (coletâneas 62-66 e 67-70 e o *unreleased album* Primal Colors), **Alice Cooper** (The definitive Alice Cooper), **Bad Company** (Bad Company), **Gal Costa** (Fa-Tal), **Lou Reed** (Transformer), **Durval Discos** (Trilha sonora), **The Rolling Stones** (Get yer ya-ya's out e Tooto You) e **The Black Crowes** (Freak and Roll... into the Fog). E de última hora: «**A Toot and Snore in '74**», o registro do único encontro entre **John e Paul** em que eles tocaram juntos após o fim dos Beatles, enviado pelo meu beatlebrother Reginaldo Tota. **Valeu Régi!!!**

O Vermelhinho e o Verdinho Camilo | Podicrê Raul Miranda | Uai?!... Camilo | Blues Raul Miranda | Livres foram... Livres são Fernanda Cordeiro



A edição nº 1 da nova série da J. A. cobriu o 3º Salão de Humor de Caratinga.



Celso Mathias



Naquela edição, publicamos os trabalhos vencedores e alguns classificados. A capa foi a caricatura de Gustavo Kueerten feita pelo Quinho, então iniciando no Estado de Minas (ver página 3 desta edição). O Salão de Caratinga é uma realização de *Edra Produções*, com apoio da Prefeitura Municipal e de toda a comunidade.



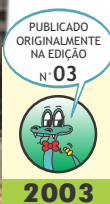
Fundadores do **Movimento Cultural de Caratinga**, depois da reunião com Ziraldo para dar o pontapé inicial: Brígida Moreira, Camilo Lucas, Marco Antônio Porcaro, Zaninha Calazans, as duas Lucinhas (que não eram do movimento mas eram também) e o cabeçudo de tudo, PS (Paulo Sérgio Gomes). O primeiro evento foi o lançamento na cidade do livro «O Menino Maluquinho», ainda em sua primeira edição, incumbidos pelo próprio Ziraldo. Em seguida, uma exposição do artista plástico Josias Moreira e depois, um dos maiores eventos culturais que a cidade já viu: A 1ª Mostra de Música no Interior Mineiro, que trouxe à cidade, entre outros, Alceu Valença, Toninho Horta, Jards Macalé e Sagrado Coração da Terra. Tudo isso em 1981.



Carro alegórico do MCC no aniversário de Caratinga em 1981

Você também é *Dinossauro*?

Na Jararaca 03, 100 perguntas pra confirmar se você é ou não um dinossauro. A maioria só valia para Caratinga. A principal era: você se lembra do MOVIMENTO CULTURAL CARATINGA 81? Abaixo, algumas das perguntas.



Stand do **MCC** na praça do Relógio. Tomadores e conta: Salá, Porcaro, Pomba, Camilo, Luciano, Badih, Camaleão, Arthur. PS e Ronaldinho Calazans nunca saíram na foto. Foi um sonho bacana, mas como sempre, ninguém entendeu nada. Saravá, Caratinga!



52. Lembra quando a exposição era com barracas de madeira e chão de terra batida? E todo ano tinha acidente fatal?

53. Curtia a Rádio Mundial? Era fã do Big Boy??

54. De qual destes doidos você se lembra: Folha-Sêca, D. Rosinha, Geraldin Doido (que comia bosta), Rodão Cipó, Cata-tôco? E as carolinas?

55. Ia de bicicleta pra Maria Cabral?

56. Andou de carrinho de rolamento e desceu a Vila Regina em casca de palmeira?

57. E as fotos preto e branco dos bailes do Thiapo-Tia-Thiapo?

58. E os festivais de chopp?

59. Assistiu aquela TV que ficava num caixote, na praça Cesário Alvim?

60. Tocou violão de madrugada no coreto?

61. Tomou banho na piscininha da praça Getúlio Vargas?

62. Lembra das gincanas automobilísticas em volta do jardim grande?

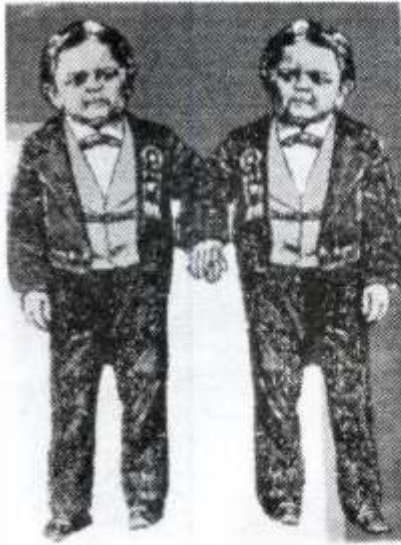
63. E o jornalzinho pornográfico que o Aldo Jr. Distribuiu no colégio Estadual e botou a culpa na turma do Jararaca Alegre?

64. Ficou na fila pra comer a pizza da Dona Léia, no Xuá, domingo à noite?

65. Quando o Veleiro era o bar dos doidão?

66. E o show de auditório da Petisco, no Cine Itaúna?

Como é feita a JARARACA ALEGRE



Baby e Boca os dois "B" da BBC, que são gêmeos univitelinos, saem para comprar uma vitela pra fazer um churrasco na redação.

O diretor-executivo da BBC, Camilo (o "C"), vai tomando umas enquanto espera pintar uma idéia.



Enquanto isso, na redação, os repórteres e diagramadores trabalham igual cachorros.



A secretária, D. Mirtes, como é "assim" com o chefe passa o dia na piscina.



Depois de muito esforço, finalmente ficou pronta a sua J.A., uma publicação para toda a família!



2000

FENÔMENO

Em terra de cego, quem tem um olho é ciclope.

IDEAL

Na cabeça de cada empreendedor chinês, dorme um pastel murcho, aguardando a vez de florescer.

INCONCILIÁVEIS

Bêbado, quando vai ao mar, um dos dois está de ressaca.

PORVIR

O trator é uma das poucas máquinas que fazem planos.

DESTINO

No frigr dos ovos, a galinha vive perdendo seus filhos.

RESPEITO

O que Deus uniu, o homem não deve separar: siameses, por exemplo.



FÉ

Hoje estou amarrotadinho, mas amanhã tudo passa.

PONTO DE VENDA

Para a sobrevivência de certas religiões, o diabo é sagrado.

DIFÍCIL

Ninguém compareceu à convocação de Noé, porquê no dia chovia muito.

OLHO VIVO

A justiça é cega, mas costuma ler em braille para os protegidos.

CACIFE

Os médicos atendem todo mundo, mas é o enfermeiro quem bota o dedo na ferida.

Visão
distanciada
da realidade?
Vire o
binóculo ao
contrário.

Sylvio Abreu

O Espírito da Coisa



COMODIDADE

Pulgas realistas jamais se queixam da vida de cachorro.

INAPETÊNCIA

Os preguiçosos não sabem do que são incapazes.

DESÂNIMO

Os conformistas nunca estão insatisfeitos com nada.

TRISTE CONSTATAÇÃO

O Brasil só vai mudar quando o FMI pedir o imóvel.

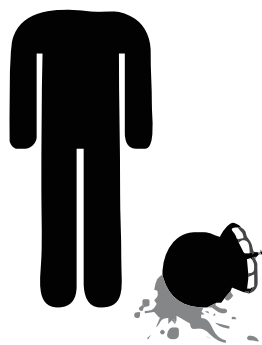
ALERTA

Oramos porquê julgamos que Deus não sabe o que ocorre conosco.



*Sylvio Abreu
é frasista,
e com
o fim de
OPASQUIM21
foi obrigado
a voltar a
fazer frases
para a
Jararaca
Alegre.

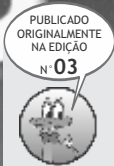
A IGNORÂNCIA



Você agora se culpa por fumar e continua fumando. Toma um litro café descafeinado, ao invés de duas xícaras do comum. Não trai e não ama. Trocou os planos por metas, no entanto ainda não atingiu nenhuma. Não tem mais insônia, mas também não sonha. Tem todas as respostas e vive perdido. É auto-suficiente, mas faz tudo errado. Você perdeu seus instintos e só trepa no escuro. Seu corpo não precisa mais de punhetas diárias. Você se tornou tão capaz que critica os escritores de vanguarda sem tê-los lido. A mulher do seu amigo para você é homem e ele nem é seu amigo de verdade. Você mudou: nova vida, novos hábitos. Não come gordura, muito menos aquele aperitivo que sempre apreciou com moderação. Fala tudo o que pensa e foda-se. Faz questão de pagar a conta. Seu nome é trabalho. Sua casa é grande, mas você é pequeno. Faz a barba diariamente. Sua pontualidade é britânica, sua ambição norte-americana, sua cultura é francesa, sua descendência é alemã, seus sapatos são italianos e você é brasileiro. Uísque, no mínimo doze anos. Carro importado, financiado em longas prestações. Apartamento hipotecado. Sítio desvalorizado. Cerca elétrica, porteiro vinte e quatro horas, rastreamento via satélite, guarda-costas. Seus amigos são influentes: juízes, delegados, advogados, políticos e o açougueiro que rouba carne do patrão e lhe vende pela metade do preço. Você agora tem certeza que chegara aos cem anos. Já descobriu que não adianta preservar a natureza, logo virá uma nova era do gelo e a luta do Greenpeace terá sido vã. Só dá gorjetas quando está acompanhado. É a favor da legalização da maconha, mas encheu seu filho de porrada porque ele fumou um baseado. Seu lema é dizer a verdade sempre, omitir vale. Não come em self-service. Sente vergonha de ter sido punk e por isto ter ficado dois anos sem tomar Coca Cola. Não pega prostituta e se gaba de ter mais de uma amante que lhe sai mais caro que puta de alto nível. Para você homem não chora, a comoção é coisa de maricas. Sua maior qualidade é a ignorância de não saber que você sou eu.

Robert de Andrade Oliveira

robert@osimpublishaveis.com.br



2003

CONSULTE O

Tio Camilo



LINDA

“Tio Camilo, eu sei que você me conhece, sabe que eu sou muito linda, maior gatinha. Eu te acho muito inteligente. Sabe que eu estava pensando? A gente podia ter um filho. Já pensou, se ele nascesse com a minha beleza e a sua inteligência?”

-Miss Brasil 2000

R Concorde com você, a gente pode tentar. Mas já pensou, se ele nasce com a MINHA beleza e a SUA inteligência???

ESTUDANTE

“Tio Camilo, estou fazendo um trabalho de escola e preciso saber: quem nasce no Peru, é o quê?”

-Aluninho

R Pentelho.

HUMORADO

“Tio Camilo, estou enviando algumas piadas de minha autoria, para você colocar na sua coluna.”

-Comediante de Futuro

R - Meu amigo, realmente você tem muito futuro. Mas muito obrigado. Suas piadas são intelectuais demais para a minha coluna. Não prefere enviar para um programa mais de acordo com o seu Q. I., tipo o Chaves, Chapolin, por exemplo?

FRAQUINHA

“Tio Camilo, estou com um problema! Descobri que o meu namorado deu pra me chifrar de uns tempos pra cá, só porque a moda, agora, é menina peituda, e eu sou mignonzinha!!

Ele baba de até virar os zoio quando vê aquelas peitudas passando. E agora, Tio Camilo?”

-Despeitada

R - Prezada despeitada, você ligou pra pessoa certa! Acabamos de preparar o lançamento do SILICONE MILAGROSO DO TIO CAMILO! Você pode financiar, entrar em consórcio, usar o seu fundo (oba!) de garantia, mas despeitada é que você não ficar! É um pouco caro, mas temos pra meninas pobres, se for o seu caso: você faz um peito agora, paga em 12 vezes e depois, faz o outro!

Claro que você vai ficar um ano meio desequilibrada, mas é simples: é só você arranjar um namorado maneta!!! SILICONE DO TIO CAMILO: o único que você compra um de cada vez (é igual carro popular).

PURPURINA

“Tio Camilo, o mundo é muito injusto. Depois de vários anos trabalhando duro em Sampa como transformista, fazendo shows de drag-queen, finalmente voltei pra Caratinga, onde consegui comprar uma casinha, um pouco simples mas é minha! No primeiro dia que dormi em minha casa, acordei radiante, abri a janela, era uma linda manhã de domingo; e disse: “Bom dia, sol! Bom dia nuvens! Bom dia, pássaros! Bom dia, montanhas!” Quando vi que um vizinho me observava, disse: “Bom dia, vizinho!” Ele respondeu, grosseiramente: “Bom dia, boiola!” Gente isso fere! Isso machuca!”

-Flavio Lê Botê

R - Sai fora, boiola!

OS HOMENS PREFEREM AS LOIRAS

“Prezado Tio Camilo, sou uma menina de cabelos castanhos claros, olhos castanhos claros, 15 anos, 1 metro e 71 cm, 56 quilos, bonita e sensual. Fui abandonada pelo meu namorado recentemente por causa de uma loira. Tio Camilo, por que os homens preferem as loiras?”

R - Querida “Sem Nome” (você não assinou!), se você é mesmo como descreveu, deve ser uma gata! Das duas uma: ou a loira tem “algo mais”, ou você não merece aquele babaca! Respondendo à sua pergunta, todo mundo sabe que “os homens preferem as loiras, mas casam com as morenas”! Então, não se preocupe: você não vai ficar pra titia! Você vai se casar, ter quatro filhos, arrumar a casa, fazer almoço, levar as pestinhas na escola, assistir novela; enfim, essas coisas que as mulheres casadas fazem! Enquanto isso, seu marido vai estar na rua com uma “bitela” duma loira, indo a restaurante, discotecas, dando uma esticadinha ao motel; enfim, essas coisas que os maridos fazem!!!

ARCO-ÍRIS

“Tio Camilo: como é que se peida colorido?”

-Zé do Cartório

R - Mais uma dessas, e eu paro com a coluna. Bom, faz o seguinte: compre uma globocor amarela, uma vermelha e uma azul (as cores básicas), beba uma de cada vez. Depois, faça um sanduiche de salame, repolho, ovo cozido e batata-doce. Coma tudo junto com uma coca-cola pet de 2 litros. Você não só vai peidar em policromia, como vai arrotar um arco-íris! Seu porco!

Consultas: camilolucas@outlook.com

O dia em que eu [REDACTED] pela última vez

Camilo
Inspirado na história do
Coelho Osvaldo, de
Jaguar

Outro dia, eu estava pensando na [REDACTED] da minha [REDACTED] quando me deu uma vontade de [REDACTED] Corri para o banheiro, e mandei ver [REDACTED] Qual foi minha surpresa quando, depois de ter feito aquela lambança, minha mãe entrou no banheiro e me pegou no flagra, justamente quando eu lavava a [REDACTED] Escandalizada ela disse: - Como é que você pode ser assim? O [REDACTED] na maior [REDACTED] e você aí [REDACTED] no [REDACTED]?

Com um peso na consciência, fui trabalhar. Fazer o que? Pelo menos assim, eu me distraía um pouco. Foi quando eu me lembrei: era dia de [REDACTED] um dos em que eu teria o direito de enfiar o meu [REDACTED] dentro da [REDACTED] [REDACTED]! "Ôba! Hoje não preciso trabalhar", pensei alegremente. E me dirigi para a zona eleitoral.

Chegando lá, perguntei para a [REDACTED]:

Como é que eu faço para enfiar o [REDACTED] na sua [REDACTED]?

Muito simples - respondeu ela. - Basta você tirar o seu [REDACTED], colocar o mesmo na [REDACTED] para que eu possa [REDACTED] e aí você [REDACTED] e enfia na [REDACTED]!

Dito isso, peguei a minha [REDACTED] e coloquei pra fora. Outra surpresa, tinha esquecido de trazer o [REDACTED]! E agora, como é que eu ia fazer? A [REDACTED] já tinha falado que só podia com o [REDACTED]

O jeito foi usar o "jeitinho brasileiro". Cheguei pra ela e falei que eu era limpo, não tinha problema, e ela me conhecia, e tal ... e ela foi cedendo, cedendo... acabou deixando eu [REDACTED] sem usar o [REDACTED] mesmo. Bastou eu mostrar o tamanho da minha [REDACTED]!

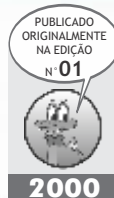
Por isso é bom a gente ser bem [REDACTED]!

Outro dia, eu estava pensando na feijada da minha tia, quando me deu uma vontade de cagar danada. Corri para o banheiro, e mandei ver aquela barrada. Qual foi minha surpresa quando, depois de ter feito aquela lambança, minha mãe entrou no banheiro e me pegou no flagra, justamente quando eu lavava a mão. Escandalizada ela disse: - Como é que você pode ser assim? O Brasil na maior crise e você aí lendo revista no banheiro? Com um peso na consciência, fui trabalhar. Fazer o que? Pelo menos assim, eu me distraía um pouco. Foi quando eu me lembrei: era dia de votar, um dos em que eu teria o direito de enfiar o meu voto dentro da urna da 66ª sessão! "Ôba! Hoje não preciso trabalhar", pensei alegremente. E me dirigi para a zona eleitoral. Chegando lá, perguntei para a mesaria: Como é que eu faço para enfiar o voto na sua urna? Muito simples - respondeu ela. - Basta você tirar o seu título, colocar o mesmo na mesa para que eu possa conferir, e aí você vota e enfia na urna! Dito isso, peguei a minha carteira e coloquei pra fora. Outra surpresa, tinha esquecido de trazer o título! E agora, como é que eu ia fazer? A mesaria já tinha falado que só podia com o título! O jeito foi usar o "jeitinho brasileiro". Cheguei pra ela e falei que eu era limpo, não tinha problema, e ela me conhecia, e tal ... e ela foi cedendo, cedendo... acabou deixando eu votar sem usar o título mesmo. Bastou eu mostrar o tamanho da minha população! Por isso é bom a gente ser bem relacionado!

O dia em que eu votei pela última vez

27

PENSAMENTOS J.A.



O venerado sábio Confúcio J. A. de La Santa, nascido na China no século VI antes de Cristo, deixou compilados uma série de pensamentos, onde resume sua vasta sabedoria. Estes pensamentos sobreviveram, e são usados como orientação para manés do mundo inteiro, até hoje. Aqui vão alguns deles:

1. "Em cavidade oral cerrada, o inseto déptero não entra"
 2. "Ortóptero blotóide perspicaz não perambula em diagonal no quadrilátero dos galináceos"
 3. "Uma ave manuseável é de mais valia que um par delas em estado volátil"
 4. "O espécime canino com escoriação ofídica repele a salsicharia"
 5. "O temor face aos degraus ligneos impede o proletário de trabalhar com a brocha"
 6. "O felino escarmentado com H₂O cáldo repele o líquido in natura"
 7. "Na urbe dos alópticos, o zarolho impera"
 8. "Isso é prosopopéia flácida para bovino dormir"
 9. "É combustão no adorno craniano do guardião da lei"
 10. "Dialoga mais do que o indivíduo sem posses na precipitação"
 11. "A quem se compraz com o horrendo, a pulcridade lhe é propícia"
 12. "Periperácea nos globos oculares alheios é suco à base de fruta, água e adoçante"
 13. "No domicílio da vítima do patíbulo, não é de bom alvitre falar de cordame"
 14. "Quem dialoga em demasia, saúda eqüino na matina"
- () Quem ama o feio bonito lhe parece.
 - () Isso é conversa mole para boi dormir.
 - () Cão mordido de cobra tem medo de lingüiça.
 - () Barata sabida não atravessa galinheiro.
 - () Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
 - () Pimenta no olho dos outros é refresco.
 - () Quem fala demais dá bom dia a cavalo.
 - () É fogo no boné do guarda.
 - () Mais vale um pássaro na mão, do que dois voando.
 - () Quem tem medo de escada, não pode ser pintor de parede.
 - () Fala mais do que pobre na chuva.
 - () Em casa de enforcado não se fala em corda.
 - () Em boca fechada não entra mosquito.
 - () Gato escaldado tem medo de água fria.

1a...tenção! Esta é a SEÇÃO 1A...TENÇÃO!



Vendo esta placa num cruzamento em Sampa, a gente percebe que nunca pode ter tudo na vida!

1a...tenção! A diferença entre uma mulher na TPM e um seqüestrador, é que com o seqüestrador ainda existe uma possibilidade de negociação!

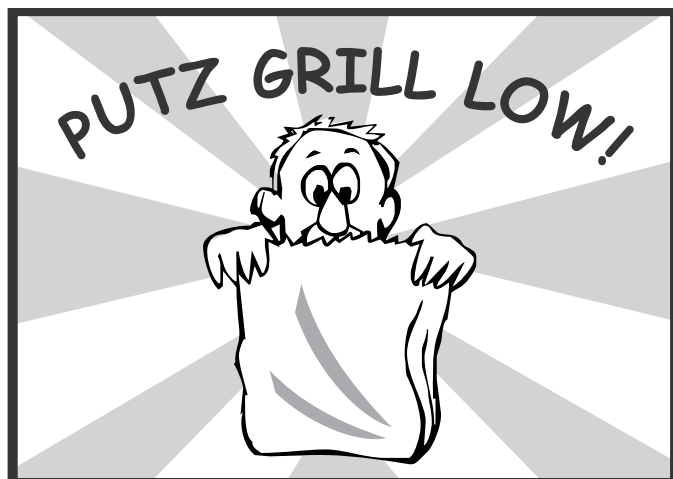
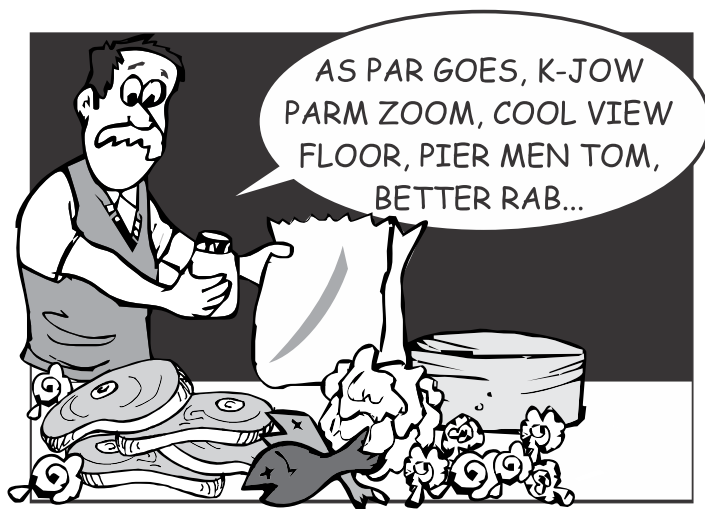
1a...tenção! Esposa é aquela pessoa amiga e companheira, que está sempre ali, ao seu lado, para ajudá-lo a resolver os grandes problemas que você não teria se fosse solteiro!

1a...tenção! Os problemas da vida são como um tarado bem dotado: É melhor enfrentar, porque se você virar as costas, vai ser bem pior!

1a...tenção! Ninguém vencerá a guerra dos sexos. Há muita confraternização entre os inimigos!

1a...tenção! O Brasil é um país geométrico tem problemas angulares, discutidos em mesas redondas, por um monte de bestas quadradas.

Mr. Jones volta da feira



*Mr. Jones é um americano que veio morar em Caratinga. Ele ainda está se habituando aos costumes locais.

Camilo

Todo mundo sabe que o fundador da Jararaca Corps, Tio Camilo, desenvolveu um saber babilônico e nefelibatal, que usa para orientar seus pupilos que procuram seu saber mediúnico para solucionar os mais diversos problemas, desde o sentido da vida até uma prosaica unha encravada. Mas só agora ele abriu seus arquivos secretos para que todos possam saber de sua história e de como ele chegou até aqui. A JARARACA ALEGRE orgulhosamente apresenta a série

A vida secreta do Tio Camilo Capítulo 01

1968: o verão do amor

Em 1967, todas as atenções estavam voltadas para San Francisco, Califórnia, onde estava tendo início o movimento hippie, com o que ficou conhecido como o “Verão do Amor”. Junto a Alen Ginsberg, Jim Morrison e Robert Crumb, Tio Camilo colocou toda a estrutura da Transarte Produções à disposição da comissão organizadora do Festival de Monterey, onde a guitarra de um negão pegou fogo e entrou em curto-circuito, dando choque numa texana que estava por perto, a qual começou a gritar e ganhar absurdamente, criando ambos um novo jeito de tocar guitarra e de cantar, projetando os dois mundialmente sob os nomes de Jimi Hendrix e Janis Joplin.

Tio Camilo acabara de chegar de uma viagem de submarino amarelo à Índia, junto aos Beatles, Mia Farrow e seu bebê de Rosemary, Ravi Shankar e Riquete, onde foram conhecer a meditação transcendental do guru Maharishi. Percebendo que o guru era um grande impostor, Tio Camilo apresentou John Lennon a uma japonesa que estava por lá, dando uma de artista plástica, e falou com ele: “vai azarar umas mulherzinhas, esse guru só fala abobrinhas”. Diante das sábias palavras do guru camilal, Lennon sumiu no mundo com a japonesa. O problema é que o Tio Camilo esqueceu de avisar que a japonesa era só pra comer, e Lennon acabou casando com ela, deixando na mão os outros Beatles que, inconformados, acabaram entrando para os Rolling Stones.

Com toda a bagagem trazida desta viagem, Tio Camilo estava pronto para entrar numa trip de Lucy in the Sky with Diamonds, que é o que estava rolando naquela San Francisco pirada. Aproveitando a estada junto ao Maharishi, Tio Camilo funda a seita que, mais tarde, viria a ser conhecida como “Comunidade Cosmogônica Fundamentalista Ordinária e Transcendental para a Busca do Conhecimento da Essência do Ser Diante do Nada Rumo ao Crescimento Interior do Tio Camilo”, a CCFOTBCESDNRCTC. Como a sigla era muito grande, gastando muito decadry e letraset pra fazer as artes em silk para as camisetas da comunidade, ela foi abreviada para “Comunidade Cosmogônica do Tio Camilo”, ou simplesmente “CC do Tio Camilo”.

A parte financeira da comunidade era gerida pela Transarte Prod., que doava toda a verba para entidades beneficentes, como a Fundação “Mais Discos para o Tio Camilo”, “Associação Filhos da Luz do Tio Camilo”, “Associação Pinga com Torresmo no Quinzinho”, “Bagulho para Todos” e a mais importante: “Salvem as Baleias, Levem Minha Sogra de Volta para Alto Mar”. A comunidade chegou a contar com centenas de milhares de jovens hippies, que sonhavam com paz, amor e cannabis sativa o dia inteiro, entre eles um rapaz chamado Bill Clinton, que fumava mas não tragava. Sua preferência, mais tarde, passou a ser charutos, o que o projetou mundialmente, levando-o a ser eleito presidente de uma republiqueta de banana no hemisfério norte.

Paralelamente, o sucesso da Transarte na organização do Festival Monterey Pop levou a empresa do Tio Camilo a ser contratada para organizar um outro, na costa leste, numa fazenda chamada Woodstock, em Betel, N.Y. O problema é que o “Verão do Amor”, provocado pela revolução sexual causada pela pílula anticoncepcional, acabou transformando-se no “Verão da Doideira”, e todo mundo começou a ficar doidão o dia inteiro. Na tal fazenda, só tinha maconheiro safado semvergonha, cabeludo e usando roupas psicodélicas, faixas na cabeça e calças boca de sino. O pessoal começou a chamar a festa de “rockonha”, e quando a polícia chegou, todo mundo colocou a culpa num tal João de Santo Cristo e seu amigo Jeremias, que fizeram todo mundo dançar.

A seita do Tio Camilo, depois desse incidente, passou a ser malvista pela sociedade, e a presidente da Liga Nacional pela Moralidade, Dona Dercy Gonçalves, decretou a prisão preventiva do nosso amado guru, por charlatanismo. Mas Tio Camilo, graças aos tentáculos de sua seita espalhados pelo mundo inteiro, conseguiu asilo político-religioso num progressista país do Caribe, onde, junto a outros negões cabeludos, pôde incorporar à sua doutrina os conhecimentos rastafarianos preconizados por Bob Marley, Peter Tosh (o “Tosh Humana”) e Joãozinho Taruira, a Lagartixa Psicodélica. Mas isto nós veremos em um outro capítulo.

A SEGUIR:

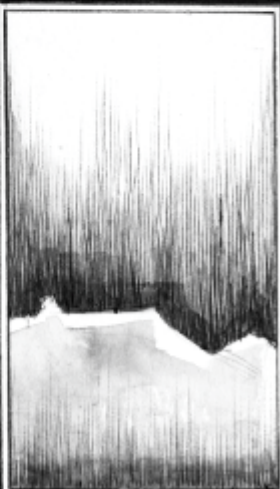
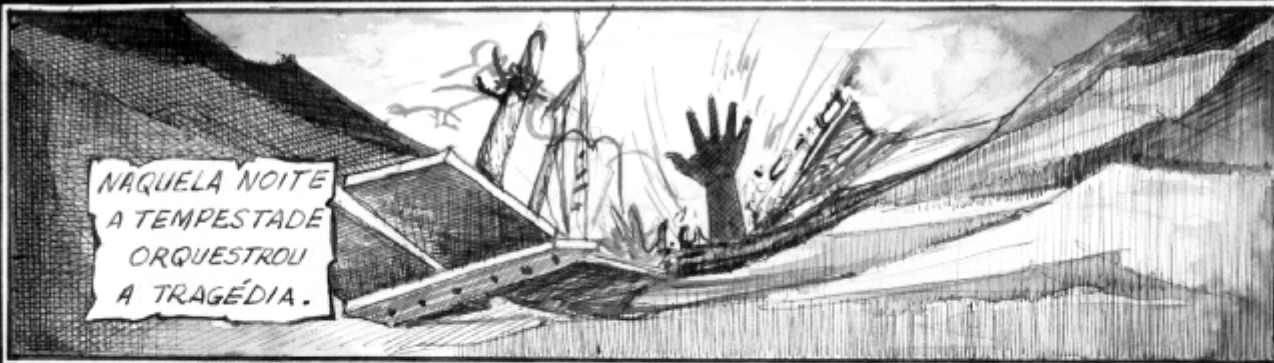
Tio Camilo declara ao mundo: “O sonho acabou. Mas ainda tem um pouco de chá de cogumelo na geladeira”

Paulo Vieira

PUBLICADO
ORIGINALMENTE
NA EDIÇÃO
Nº 06



2008

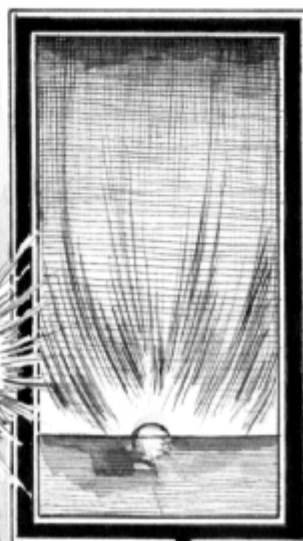


A MAIORIA DOS HOMENS,
BÊBADOS E ASSUSTADOS,
ABANDONAVAM A EMBAR-
CAÇÃO. ENQUANTO O
CAOS DITAVA A SUAS
ORDENS, O CAPITÃO
TENTAVA EM VÃO...

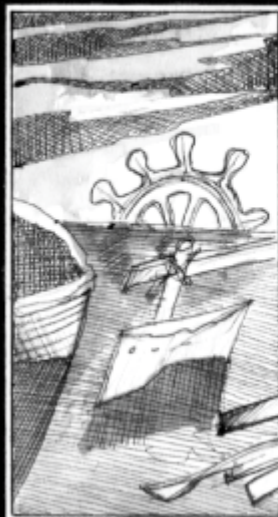
... DESOBEDECER.
O CAPITÃO NUNCA SE
DEIXAVA VENCER.
ATRAVÉS DA ESCOTI-
LHA DA CASA DE MA-
QUINAS, PUDE VER AS
DUAS CRIATURAS.



QUANDO A TERCEIRA SURTIU...



DESCOBI QUE NENHUM DE NÓS HAVIA SOBREVIVIDO.





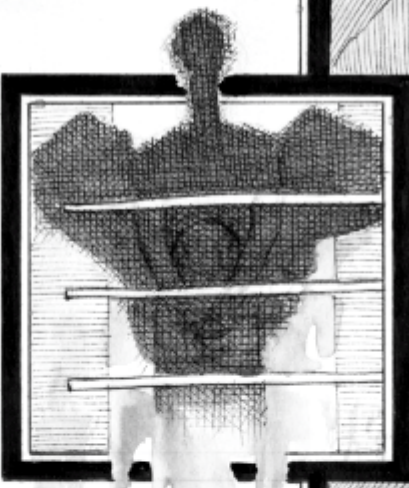
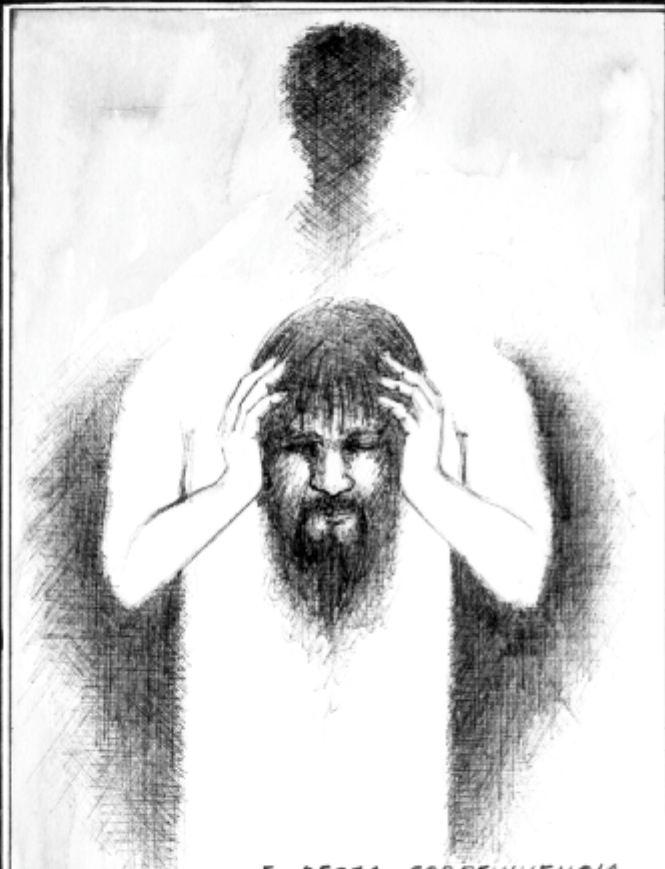
JOGANDO
NOSSAS ALMAS
À DERIVA,
NUM LONGO
CALVÁRIO.

A QUARTA
APARICÃO,
IMPERTURBÁVEL,
TROUXE OS
PIORES SONS
DO MAR.

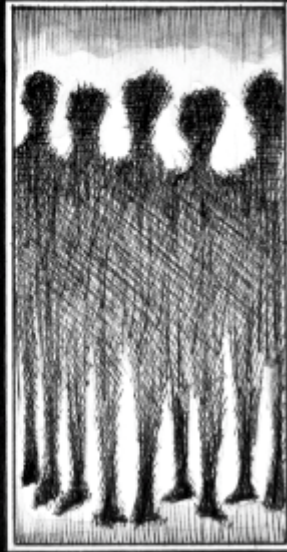
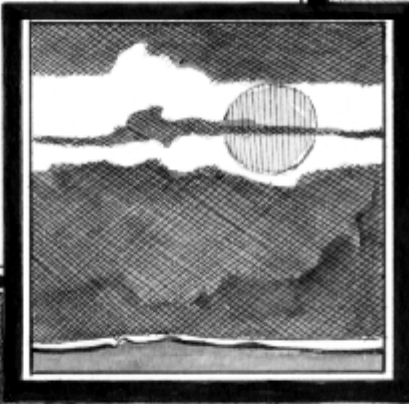
ACORDANDO
NOSSAS
CONSCIÊNCIAS,

A ÚNICA
COISA EM NÓS
QUE HAVIA
SOBREVIVIDO.





E DESSA SOBREVIVENCIA,
UMA NOÇÃO PRECÁRIA
DE MATÉRIA CORPÓREA
NOS ENVOLVIA,
CAUSANDO-NOS MEDO,
O MESMO QUE SENTI-
MOS QUANDO A CABEÇA
DECAPITADA DO CAPITÃO
PAIROU SOBRE NÓS.



POR UM MOMENTO,
CONDUZIDO PELA
ESPERANÇA,
MEUS OLHOS VISLUMBRA-
RAM UM RESGATE
ORDENADO POR ELE.





MAS A IMAGEM
DESAPARECEU,
IGUAL A ÚLTIMA
CRIATURA QUE VI;

O DIÁRIO DE
BORDO FLUTUOU
TREMULANDO
AS PALAVRAS,
CARDUMES DE
PEIXES NADAVAM
AO REDOR.

A LIÇÃO DO NAUFRÁGIO
SEGUIU CONOSCO MAS
OS TORMENTOS E
AS VISÕES CESSARAM,

A CALMÁRIA TROUXE SILÊNCIO
E O MAR ACOMPANHOU O DIA...

FIM.

QIRATO



OU O BRASIL ACABA COM A VIOLÊNCIA OU A VIOLÊNCIA ACABA COM O BRASIL



O cartunista EDRA é organizador do Salão Internacional de Humor de Caratinga (MG)



**Jorge
Inácio**

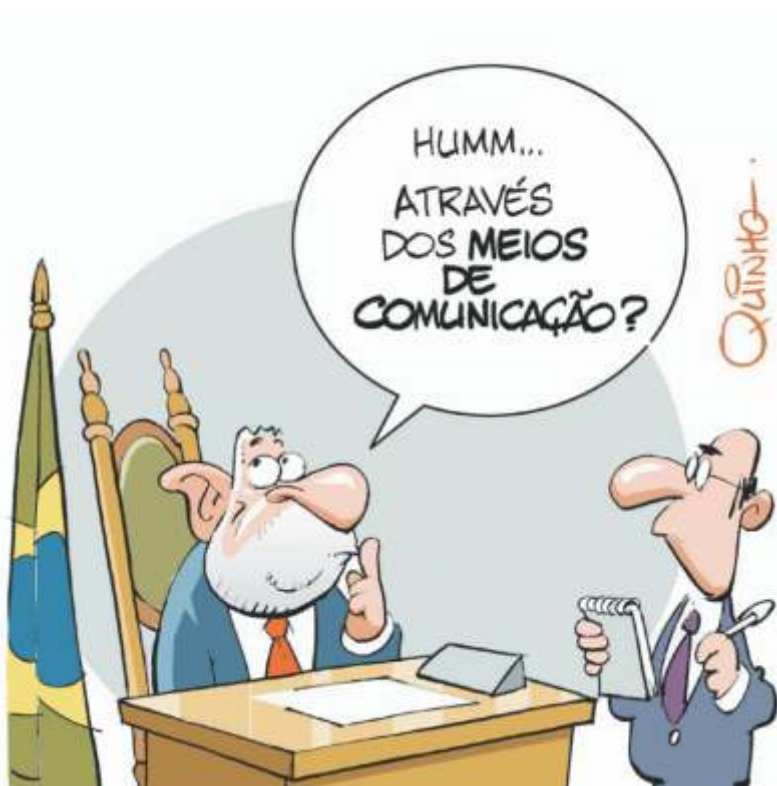
Leite



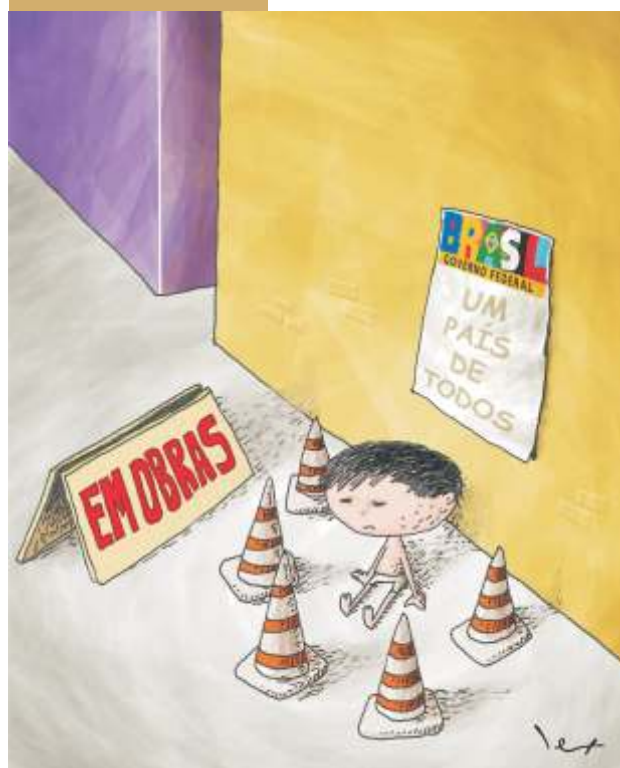
Duke



Quinho



Lex



Da equipe jararacal em ITABIRA!

FICHA SUJA



FICHA LIMPA



BICHO PAPÃO EXISTE



EU Etiqueta?

Carlos
Drummond
de
Andrade

CARTUNIZAÇÃO POR
Camilo Lucas

Cartunização realizada em 2008
para a exposição «Cartum &
Poesia - Duas visões de
Drummond», Casa de Drummond,
Itabira. Promoção da Fundação
Cultural Carlos Drummond de
Andrade, com apoio da Associação
Turística Itabirana C. D. A. e da
Prefeitura de Itabira



FUNDAÇÃO CULTURAL
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



ITABIRA
CIDADE DO BEM VIVER

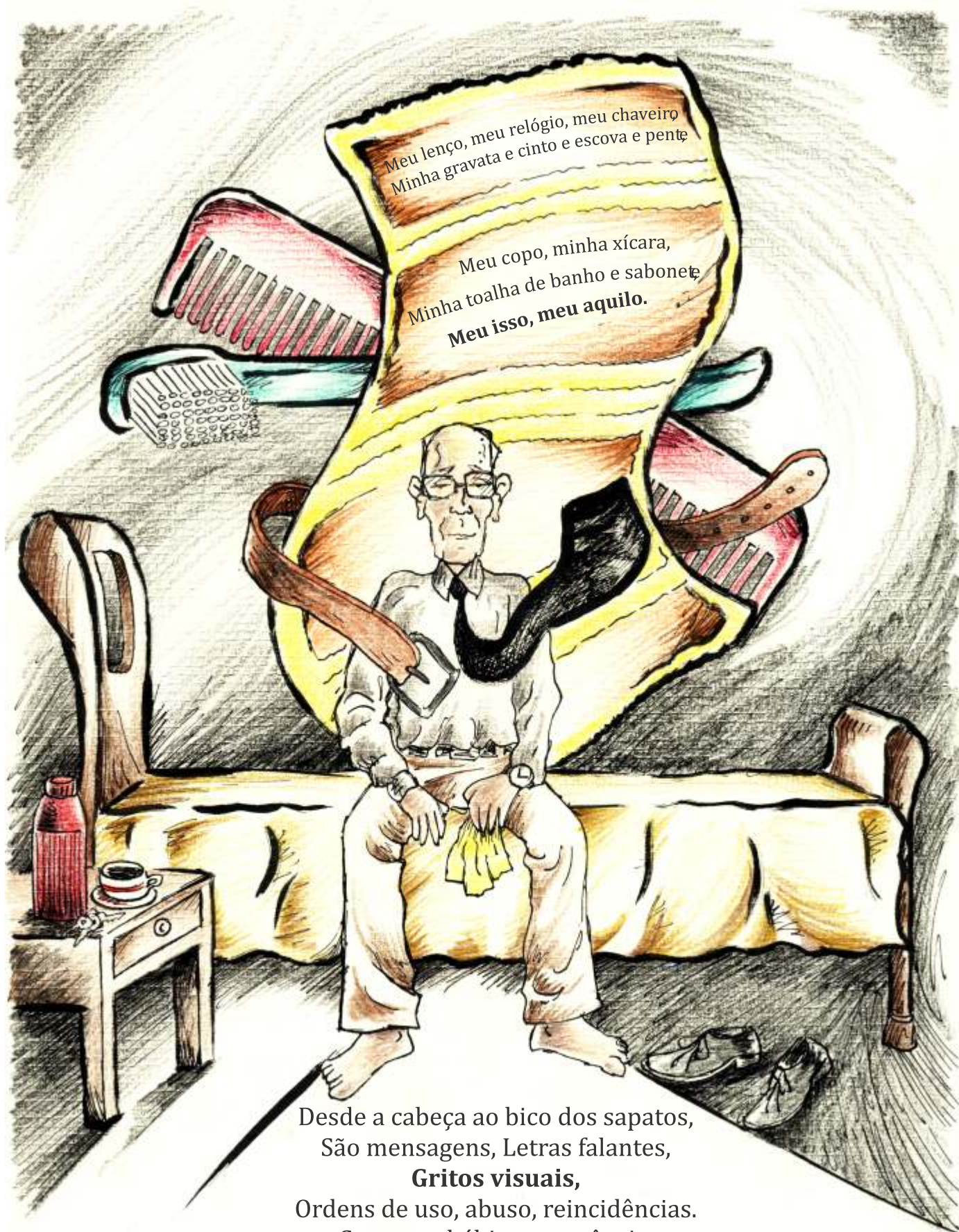
Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome... **estranho**.

Meu blusão traz
lembrete de bebida
Que jamais pus na boca,
nessa vida.
Em minha camiseta,
a marca de cigarro
Que não fumo,
até hoje não fumei.

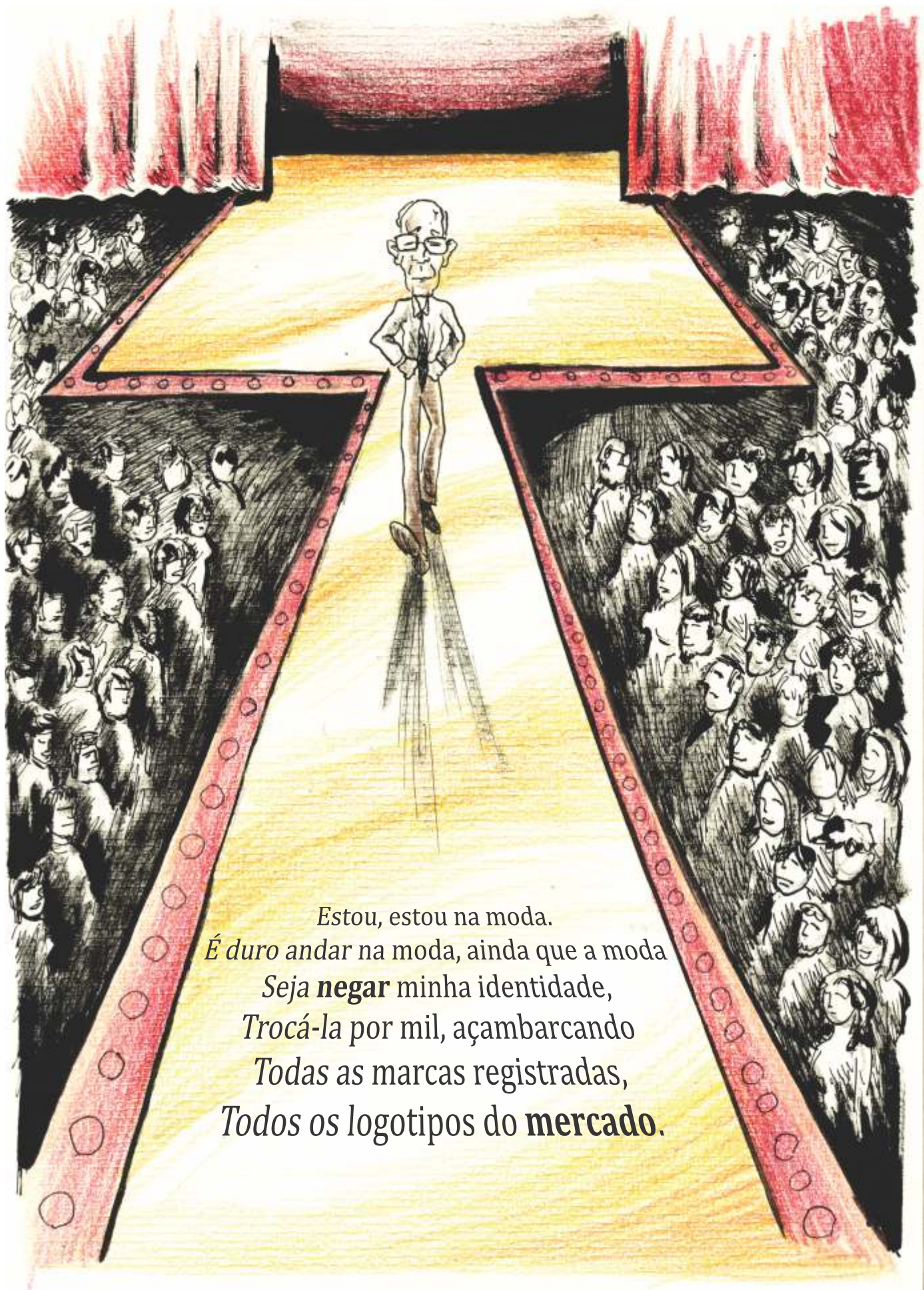
Minhas meias falam de produtos
Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.

Meu tênis é
proclama colorido
De alguma coisa
não provada
Por este provador
de longa idade.





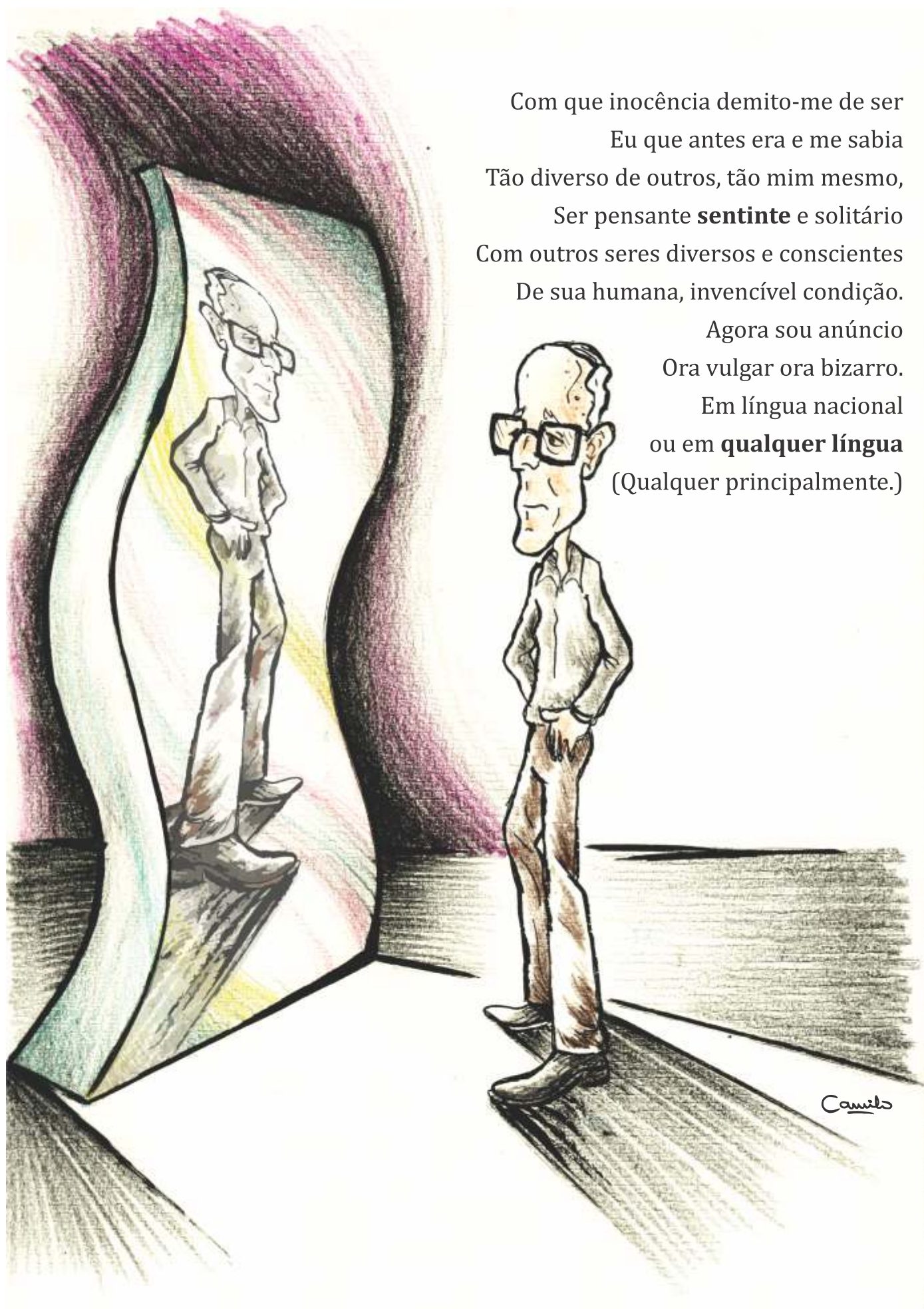
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens, Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, permência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.

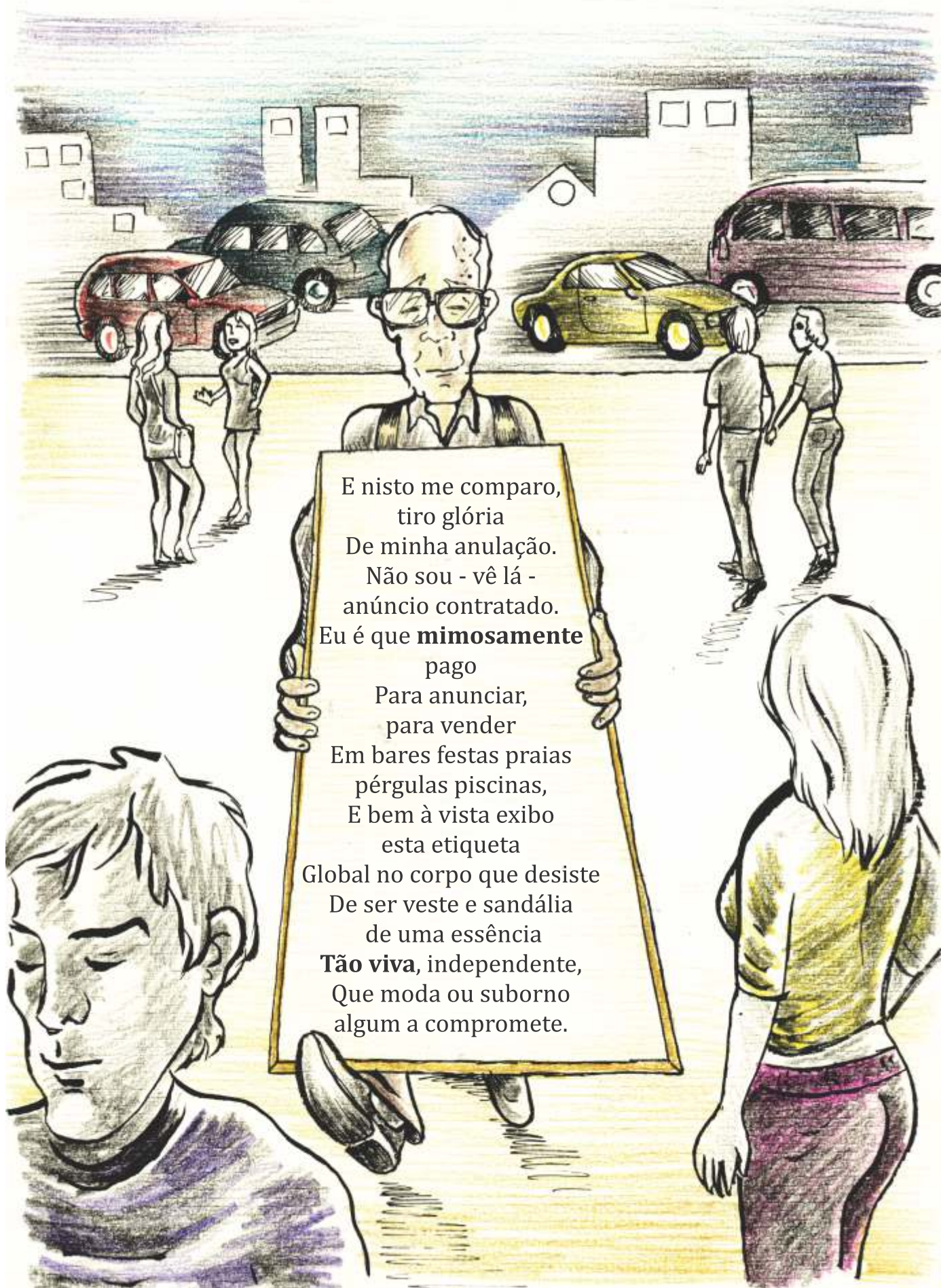


Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
Seja **negar** minha identidade,
Trocá-la por mil, açambarcando
Todas as marcas registradas,
Todos os logotipos do **mercado**.

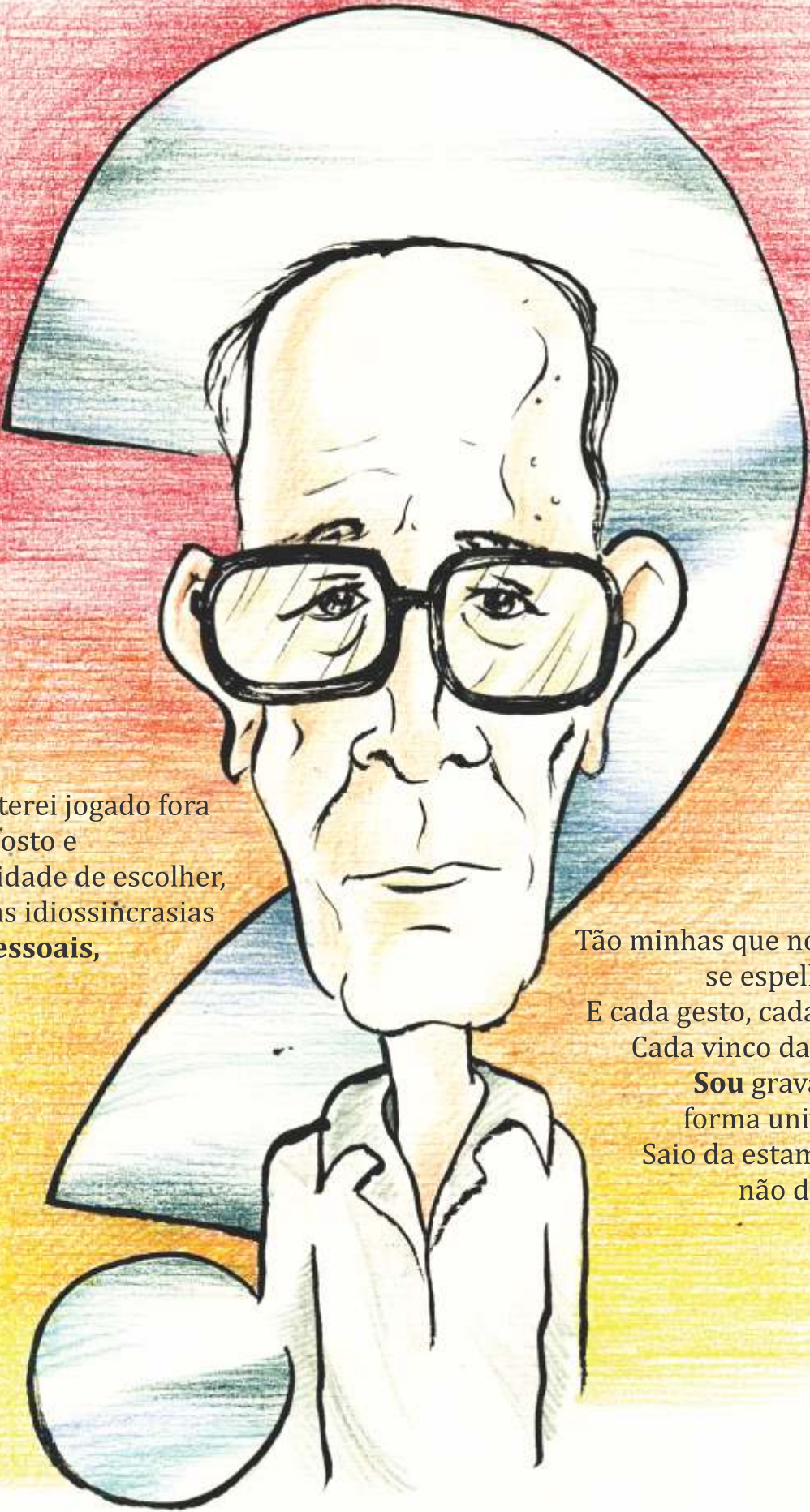
Com que inocência demito-me de ser
Eu que antes era e me sabia
Tão diverso de outros, tão mim mesmo,
Ser pensante **sentinte** e solitário
Com outros seres diversos e conscientes
De sua humana, invencível condição.

Agora sou anúncio
Ora vulgar ora bizarro.
Em língua nacional
ou em **qualquer língua**
(Qualquer principalmente.)





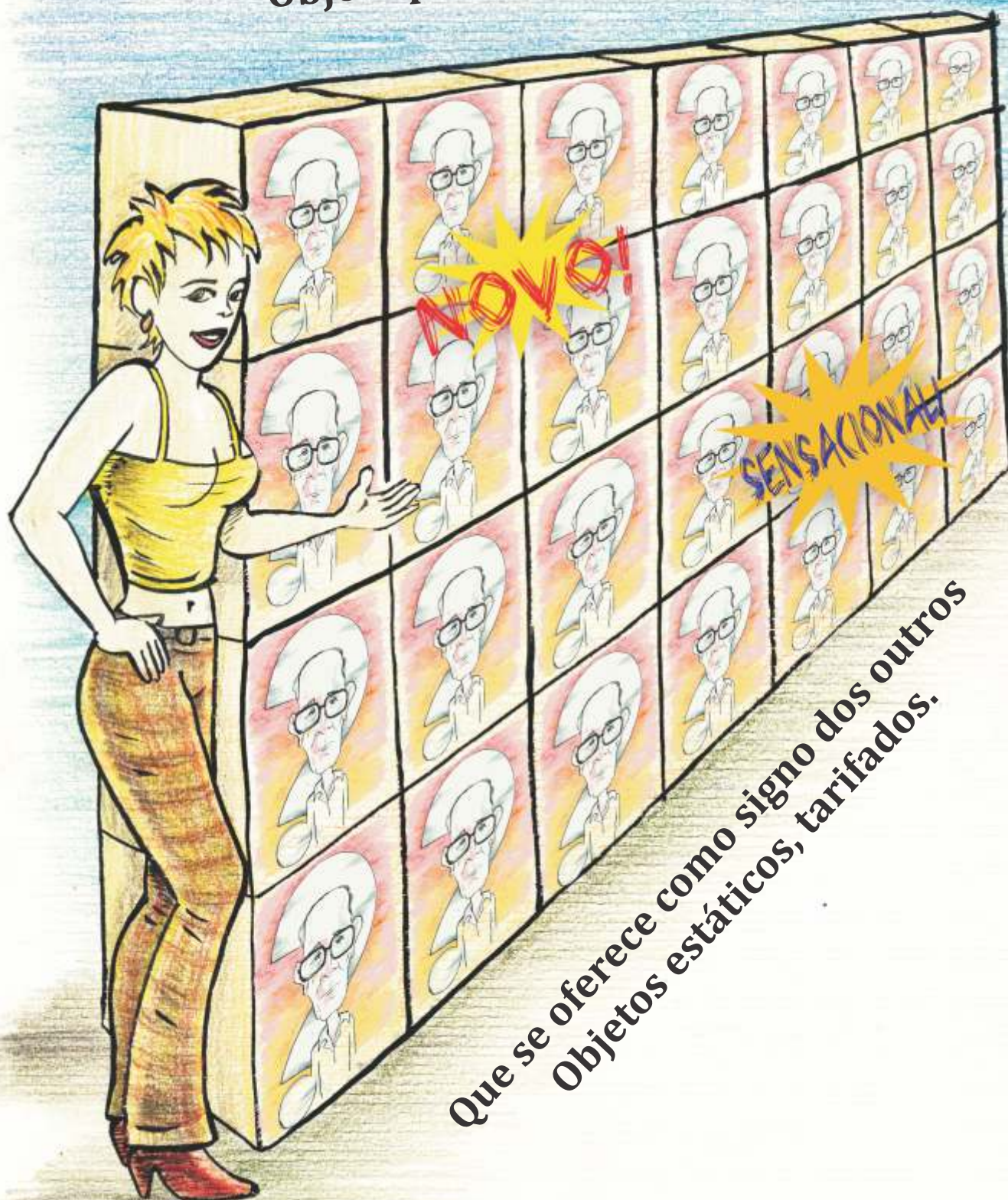
E nisto me comparo,
tiro glória
De minha anulação.
Não sou - vê lá -
anúncio contratado.
Eu é que **mimosamente**
pago
Para anunciar,
para vender
Em bares festas praias
pérgulas piscinas,
E bem à vista exhibo
esta etiqueta
Global no corpo que desiste
De ser veste e sandália
de uma essência
Tão viva, independente,
Que moda ou suborno
algun a compromete.



Onde terei jogado fora
Meu gosto e
capacidade de escolher,
Minhas idiossincrasias
tão pessoais,

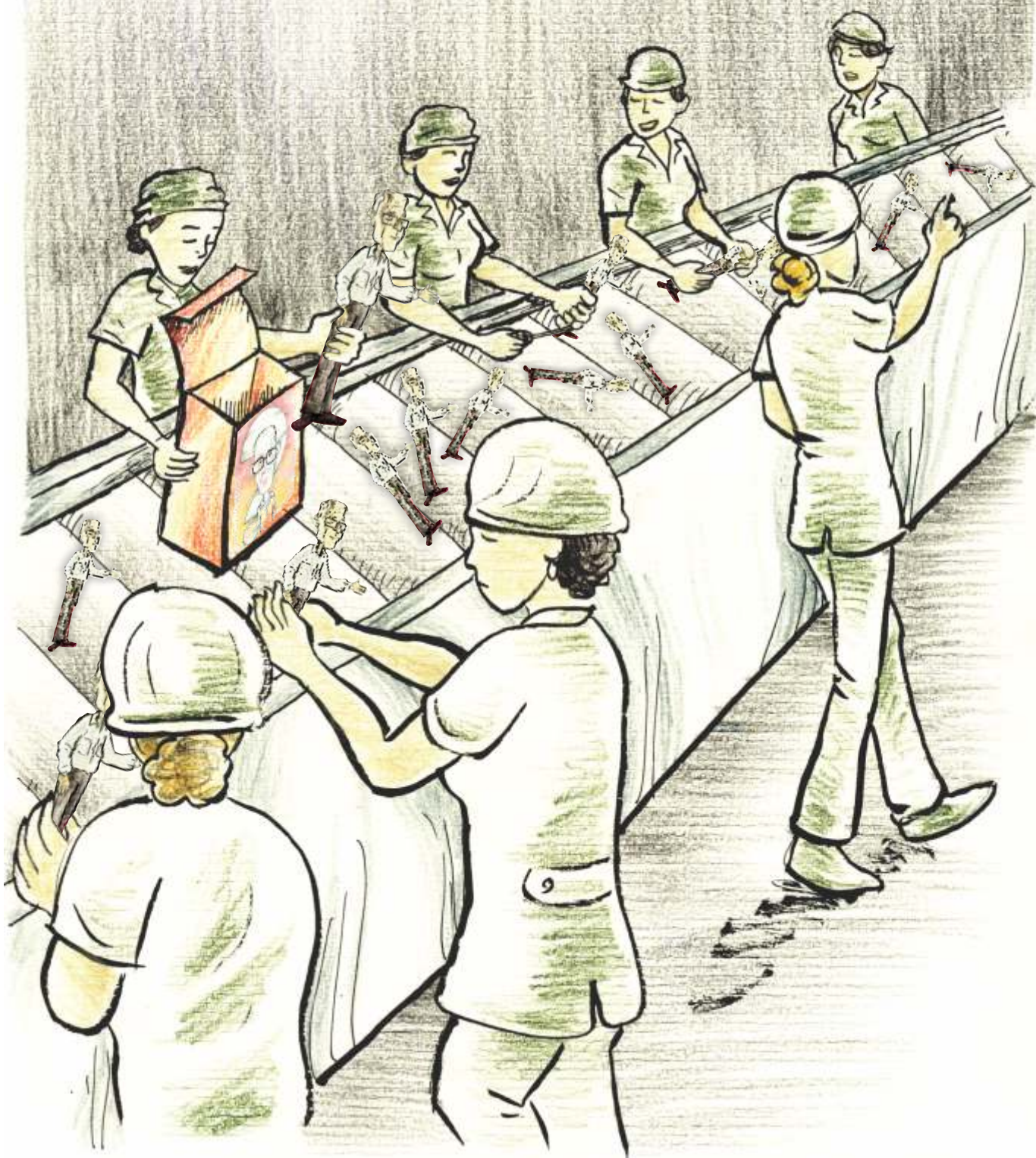
Tão minhas que no rosto
se espelhavam
E cada gesto, cada olhar
Cada vinco da roupa
Sou gravado de
forma universal,
Saio da estampa,
não de casa,

Da vitrine me tiram, recolocam,
Objeto pulsante mas objeto



Que se oferece como signo dos outros
Objetos estáticos, tarifados.

Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de **homem**.



Meu nome novo é Coisa.



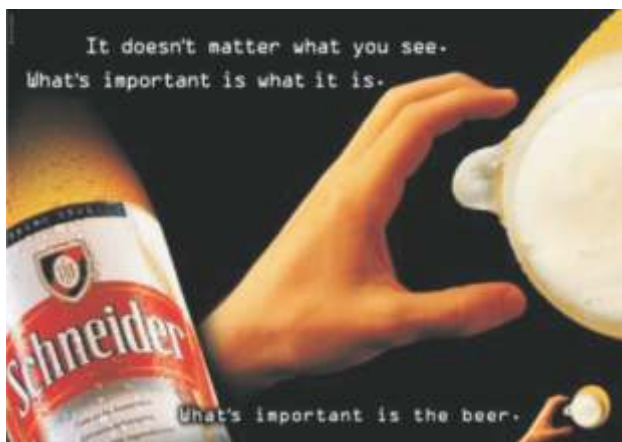
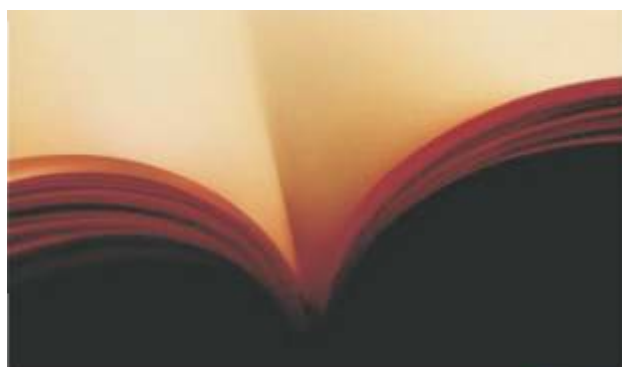
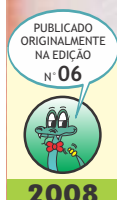
Eu sou a Coisa, coisamente.

Carlão Dummer e Audele

Camilo

Propaganda

A prefeitura de São Paulo proibiu os out-doors e outras placas gigantes que poluem o visual. Agora só falta proibir o gás carbônico que polui a atmosfera, o despejo de dejetos que polui o rio Tietê e os peidos que poluem os elevadores. A civilização não vive sem propaganda. Você até acha uma arte “menor”, mas é nos anúncios publicitários que se encontram alguns dos maiores lampejos de criatividade pop.



Kaô

A civilização não vive sem sexo. Sensualidade vende. Como diz o sábio, tudo é movido pelo interesse sexual. E a publicidade não deixaria de perdeber. Há quem apele grosseiramente para vender. E há quem tire um sarro em cima disso

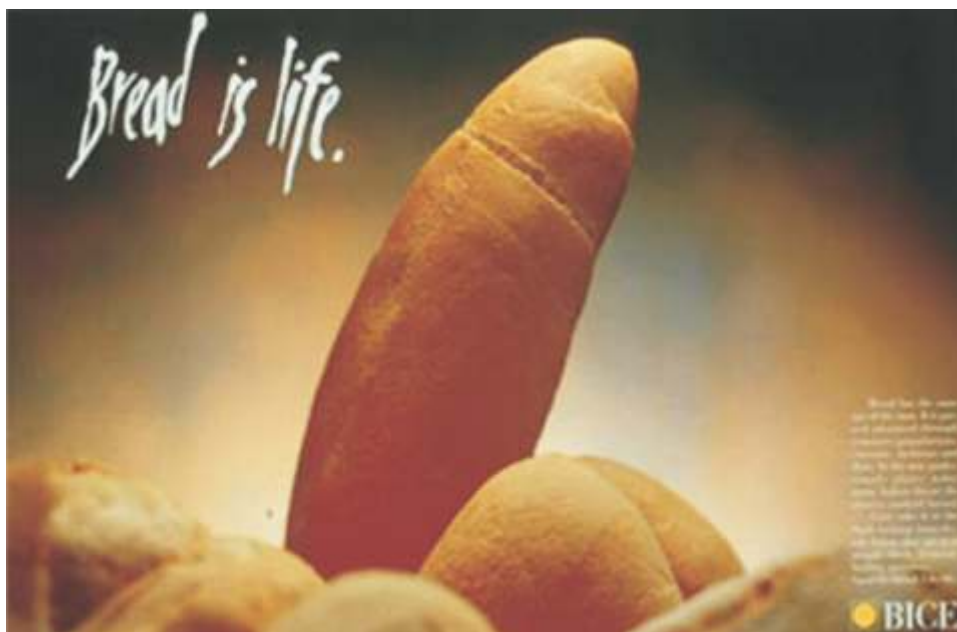


Já se foi o tempo em que o cara batia na sua porta e te oferecia uma demonstração do sabão Ajax. Agora você compra o sabão Ajax porque a Ana Maria Braga falou que é bom. Você compra o shampoo Capilex porquê o cara do BBB usou e traçou 3 sisters que acabaram saindo na Playboy

Advertising

Mas você não é tão bobo assim. Você sabe o que é bom e não cai em kaô tão facilmente... Paga 300 reáu a mais numa calça porque ela cai bem, e não porque ela tá sendo usada pelo vee-jay da MTV. Goebbels já falou que uma mentira repetida N vezes torna-se verdade. E é mesmo. Repita comigo:
 Não é uma brastemp
 não é uma brastemp
 não é uma brastemp
 não é uma brastemp

Só pare quando eu falar pra parar

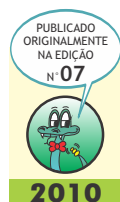


Eu ainda acho que os diretores de arte das grandes agências são os legítimos sucessores de Andy Warhol. É pop art pura. Misturando sexo então, fica tudo. E eles vêm sexo em tudo. E te fazem enxergar sexo em tudo. Você sai pra comprar pão e volta a fim de transar. **Camilo**

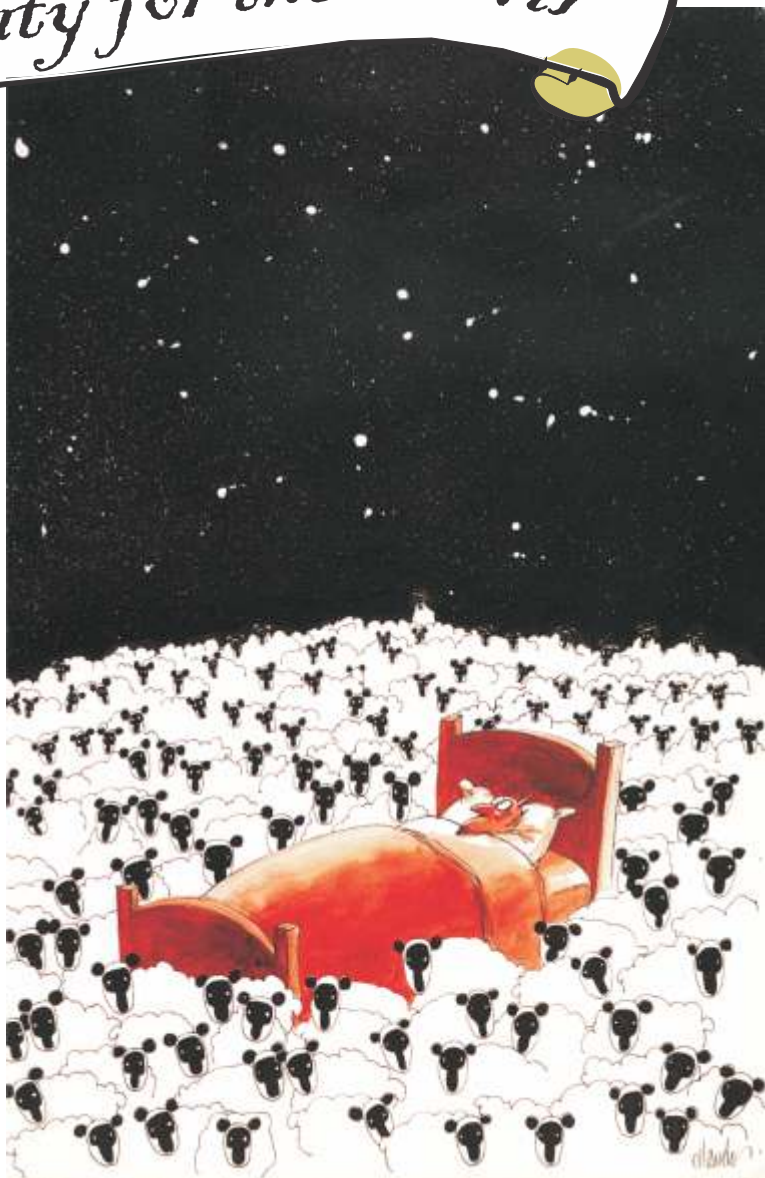
Publicidade



Simpaty for the Devils



Orlando é um grande colaborador da Jararaca. E um dos maiores ilustradores brasileiros da atualidade. Estes desenhos foram feitos para a série "Como o diabo gosta", de 1997, com a qual ele me presenteou em 2007 quando visitou minha humilde morada, ao lado de dois outros feras: Fernandes e Gilmar, também colaboradores da J. A. **Meus amigos são foda! (Camilo)**



AQUECIMENTO GLOBAL

Rico



CHUVAS...



www.ricostudio.blogspot.com

RESUMO.



PERSPECTIVAS...



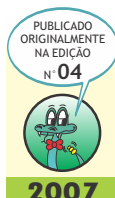
SALÁRIO PARLAMENTAR...



SALÁRIO PARA LAMENTAR...



O rei da caricatura dá uma colher de chá para a JARARACA ALEGRE



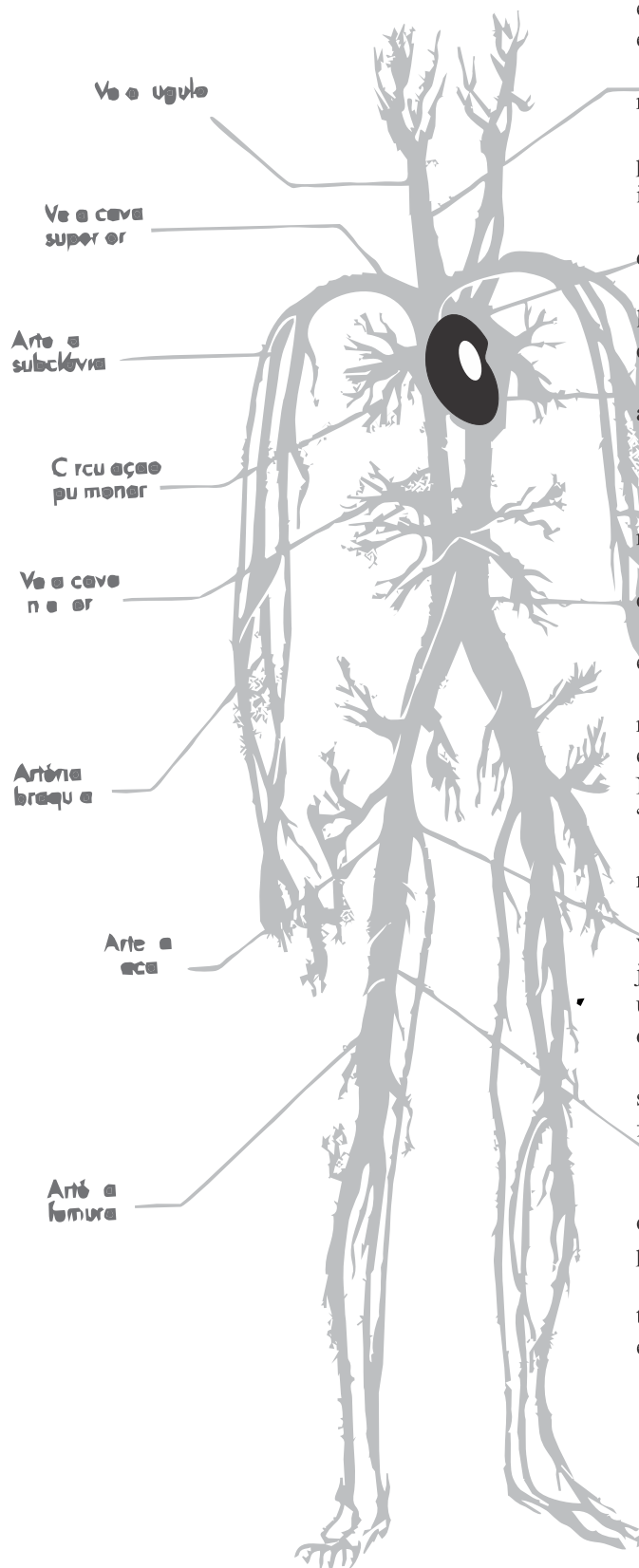
*O caricaturista, cartunista e chargista Pieri Fernandes publica no Diário do Grande ABC, Folha de São Paulo e outros jornais



SOCORRO, EU NÃO ESTOU SENTINDO NADA

Barroso da Costa

Ilustração: Camilo



Tudo havia começado logo pela manhã, enquanto tomava meu café.

Sentia-me meio estranho e, mal levei a xícara à boca, veio uma pontada pouco abaixo das costelas. A dor foi tão aguda que me enverguei, colocando a mão onde eu imaginava ter-se dado a estocada. A xícara quase me escapou.

Endireitei-me, ajeitei a camisa nas calças, bebi meu café num gole, peguei o paletó e tomei o rumo da garagem.

Descendo pelas escadas, notei que o desconforto permanecia. Do lado esquerdo, abaixo das costelas, as coisas não iam bem.

Aquilo me preocupava. Se a coisa se agravasse, talvez nem desse tempo de tomar uma atitude.

Passei pela faxineira, que me cumprimentou. Olhei para ela, letárgico, e balbuciei alguma coisa que estava longe de ser um cumprimento.

Ela perguntou se me sentia bem. Balancei a cabeça, afirmativamente, já entrando no carro.

Fazia calor, mas eu estava frio por dentro.

Afrouxei a gravata e dei a partida.

Saindo da garagem, liguei o rádio. Parecia que as coisas melhoravam. Já respirava melhor.

Cinco quarteirões à frente, uma nova pontada, muito pior que a primeira.

A boca secou instantaneamente. Tinha de voltar para a casa, era minha única esperança.

O suor descia pelas têmporas. Os pensamentos se cruzavam numa velocidade impressionante, mas as pessoas na rua pareciam estar em slow motion. Encerrei-me numa espécie de autismo.

No rádio, a Gal, com sua voz aguda como minha dor, cantava: “Socorro, eu não estou sentindo nada...”.

Tive ódio dela, mas não tinha tempo de tentar desligar o rádio.

Passei por um cruzamento sem parar. Olhando de lado, pude ver um motorista de táxi que lentamente projetou sua cabeça pela janela, ergueu o dedo médio da mão esquerda, mexendo a boca de uma forma raivosa. Mas eu não ouvia nada, além de sons guturais e desconexos.

Eu já quase não conseguia dirigir, meus braços pareciam sem controle. A dor tomava todo meu tórax e minhas entranhas faziam um barulho esquisito, borbulhante.

Comecei a salivar.

Entrei na garagem, parei o carro meio enviesado e subi, cambaleante, as escadas do prédio, sem responder ao que tinha me perguntado a faxineira, que parecia assustada.

Parei diante da porta dos fundos. O molho de chaves teimava em cair das minhas mãos trêmulas e suadas, mas consegui entrar no apartamento e chegar ao banheiro.

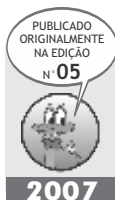
Apoiei-me na pia e, semi-consciente, caí sentado no vaso.

Putaquepariu, que dor de barriga...

**Barroso da Costa é integrante
d'OS IMPUBLICÁVEIS.
Camilo é o Camilo mesmo.**

UM BARROBRANQUENSE DOENTE

Maxs Portes



Quando um conterrâneo meu coloca no remetente das cartas que me envia: “centro”, como se dispensasse o nome Barro Branco, eu não concordo e me entristo. Não que eu queira ser saudosista. Pelo contrário, o progresso deve e precisa existir. Mas, aqui entre nós, colocar o meu Barro Branco no centro da cidade aí já é demais!

Demais, porque todos os bairros de Caratinga são parte de uma história. Um registro de memória.

Isto porque, fazer história é deixar o tempo escorrer como um riacho que, a cada curva, sobrepõe os empecilhos naturais do caminho. É deixar, no Tempo, todos os acontecimentos irem, por si só, tomando forma e vulto. Assim como tudo o que existe é por razão de ser no mistério natural da vida, uma cidade nasce porque homens e mulheres – em determinado trecho de uma viagem no desejo de dias melhores para as suas sobrevivências – resolvem acampar motivos e razões, entusiasmos e cansaços, ilusões e desânimos na constante procura a que o homem é fadado ao encontro de si próprio. Uma tapera, duas, três; uma vila; um povoado; um município... e uma cidade cresce no aglomerado das inquietações de seus habitantes ansiosos por se acomodarem e criarem raízes num chão que se pretende deles e, desta forma, escreverem (no inconsciente coletivo) a história de cada um.

Do mesmo modo nasceu Caratinga

E o Barro Branco é Barro Branco, porque é Barro Branco. E será sempre Barro Branco, porque tem o seu motivo histórico.

A começar pelo próprio nome: uma referência ao caulim, a argila forte, o barro branco encontrado na região. Aos fogões à lenha, o chique era passar uma camada deste barro no fogão, para o branco resplandecer na limpeza, em harmonia com as bandeirolas de papéis cortados – iguais peças de crochê – enfeitando as prateleiras com os vasilhames e utensílios da cozinha.

Isto é história! E história não se reescreve, não se reinventa, nem se deixa-pra-lá por modismos ou invencionices bobas.

No meu Barro Branco havia o colégio Nossa Senhora das Graças. O Caratinga Tênis Clube (CTC), com quadra de tênis (já imaginaram que se jogava tênis em Caratinga?) Iniciou-se (ainda no meu tempo de menino) a construção do grande hospital (que não está pronto até hoje... e todos sabem os motivos...). E o Barro Branco Futebol Clube, de quem fui o mascote nomeado por meu irmão José Luiz. Sim, havia times de futebol de verdade! Além do Barro Branco, o América, o Caratinga – sem mencionar os outros, de menor cancha!

Residiram e residem no meu Barro Branco pessoas geniais por seus talentos: Wilson Campos (violino) e Zitinho (sax e clarineta) – integrantes da Típica do Belegarde. Donato Guido (piano), Jacy (piston), Mário Schettini (violão), Altair Spínola (violino), Terezinha Borchio (piano), doutor Bandeira (otorrinolaringologista de renome), doutor Simplício Ferreira (grande médico), Marilene Godinho (pianista, cantora e escritora, tida como a Bandeirante dos livros em Caratinga), o Betinho (com o seu Conjunto que tanto nos fez dançar no Clube Municipal), o Onair de Freitas (maior fotógrafo de Caratinga), Tião de Lima (jornalista), Joaquim Felício (jornalista), o mestre dos mestres: professor Armando, e tantos e tantos nomes de pessoas importantes que não me recordo agora – se o registro de minhas lembranças não está sendo justo comigo nestas citações.

Agora, se tivéssemos a tão falada Casa de Cultura, com certeza teríamos todo o documental que exige dedicação e carinho não só para o resgate dos registros oficiais. Muito mais: nos livros, nos jornais de épocas, nas cartas e nos arquivos familiares tão representativos – onde estão contidos os seus destinos comuns arquivando, neles, uma posteridade impensada nos suspiros dos enleios apensos no particular, no unitário, no cotidiano. Não é contar apenas com um pequeno acervo particular de José Brice. Pois, se hoje estamos à sombra de uma Árvore Genealógica, essa mesma Árvore, junto a outras e tantas mais naquele chão primevo, tornaram-se em sementes intencionadas a frondar galhos para formação das copas, a fim de gerarem frutos aos herdeiros naturais e múltiplos. Também, resgate à beira do riacho transmutado em rio. E que não sejam, nunca mais – doravante, os mortos apenas... os ausentes. E, sim, presenças embrenhadas pelas entranhas da Memória. Os que estão partindo motivados pela idade, sem jamais se ausentarem deste chão, a eles pouco ou quase nada se dá o merecido valor a cada um remanescentes diretos dos pioneiros moradores.

E isto é um dó terrível. Estamos ficando desmemoriados. Aos jovens, estes não sabem deles. Logo os jovens, os que mais necessitam conhecer-de-verdade a nossa história e a de seus protagonistas, para sempre seus próprios antepassados.

Ora, uma cidade é como uma pessoa. Tem suas manhas, seus anseios, seus ideais. Conta com seus filhos ao menos para ser respeitada enquanto envelhece. Perguntar aos jovens se sabem onde é (ou foi) a Furna da Onça, o Beco dos Calça-curtas, a Rua do Lixo, o Hotel da dona Milota, o Bar Elite, o Ponto-Chic, a Rua dos Atrevidos, o Beija-Flor, a Esquina dos Afritos, a Casa Verde, a Rua dos

BARRO BRANCO FUTEBOL CLUBE

Em pé, da esquerda para a direita:

Miguel Schittini, Nozinho Barbeiro, Toninho (irmão do Zé 55), Roberto Carli, Zé Luiz, Maurício, Zé 55 (José Alencar, Vice-Presidente da República), Hamilton Macedo, ? e Dominguiinho Schettini

Agachados, da esquerda para a direita:

João Potoca, Maurício, Jádér Neves, Jair Azevedo e Mário Azevedo



Operários, o Footing, o Cantinho do Céu, a Rua dos Cavacos, o Tralalá... é perguntar sem respostas. Quem não namorou caminhando ao redor do Jardim Grande, muitas das vezes olhando para o Palácio do Bispo? Aguardou a seção do Cine Brasil sentado no banco do Jardim Pequeno? Não acompanhou o compasso com os pés, ouvindo a Furiosa tocar?

Querer alguma informação sobre a Querida, o Zé do Banjo, o Dego, a Joaquina Goiaba, o Generalíssimo, o Zé Folha-Sêca, o Grefo, o Mundico, o Tota, o Nenem Pirraça, o João Caixeiro, o Zé da Égua, a Maria Pinga-Fôgo, o Juca Pança, o Lola Piraúba, o Zé Pega-Frango, o João China, o Zé 55 (José Alencar – Vice-presidente da República), o João das Meninas, o Zé da Mala, o Capitão alfaiate, o Zé Quiquita, o Manoel Sossego, o Balalaika... é continuar desinformado, além de olhar o jeito de espanto de quem foi inquirido.

Quem chega a Caratinga tem que, necessariamente aprender as nossas sutilezas, os nossos carinhos com os nativos, a nossa amizade recíproca com os da terrinha. Nominar o que quer que seja com estrangeirice, trocar nomes de ruas por outros mais recentes, modificar (para pior) o que já existia (salvo para reformar e manter o que era ou não existir mais devido a catástrofes naturais como as grandes enchentes...) é, no mínimo, uma maldade ocorrendo por parte das autoridades municipais, dos influenciados, e dos que não sabem respeitar a tradição e o folclore de uma cidade, pois no dizer do escritor José Conde, tudo o que existiu e não existe mais é como se não tivesse existido!. E isso dói!

Mas, voltando ao meu Barro Branco, ele deve continuar Barro Branco! A rua do Patronato, idem. Também devem permanecer intocáveis os nomes que o povo conferiu a Rua do Sal, da Piedade, das Baratas, do Santuário, do Seminário, do Arranha Gato, a Nova, a da Cadeia, a São José, a dos Viajantes, a Rodoviária Velha, a Praça da

Estação, os Morros da Antena, da Caixa D'água, do Hospital, do América, do Caratinga, do Escorpião e tantas outras denominações históricas e populares.

Não importa os nomes oficializados nas placas. O povo assim, antes, nomeou, porque conhecia o endereço. E é o povo o dono da cidade e o responsável por ela. Homenagens há, sim, que se prestar àqueles que honraram a nossa terra. Deram a vida por ela. Ajudaram-na a crescer. No entanto, jamais renomear o existido apenas porque o homenageado deixou de viver em Caratinga, mas continua vivo pela grandeza dos serviços prestados. Ele, que muitas das vezes passara pela rua ou pelo bairro e dissera aqueles nomes dos lugares até como referência pessoal de localização!

Posso estar errado. Completamente doido para muitos. Posso ser tachado de cícrici, de encenqueiro, de não ter o que fazer por inventar-moda. Posso ser criticado veementemente pelos progressistas – os que pensam que é derrubando o pronto para fazer de novo que a cidade fica mais atual ou mais próxima de nós, trocando nomes de ruas e de bairros. Aos que acreditam ser o moderno o cartão de visitas de uma cidade, não discordo deles. Mas de uma coisa não abro mão, se tenho certeza: toda cidade tem seu ontem, hoje e amanhã. E se ela vive em estado constante de crescimento, de progresso, de altivez social e de cultura escolar, os filhos da terra hão de convir comigo que cada geração deixou na memória o que fora ontem e, não, o que é agora ou será amanhã.

Então, preservar o que foi enriquece o que é.

Que o Barro Branco permaneça Barro Branco.

Pois enquanto eu viver, o Barro Branco será o meu sempre Barro Branco!

PAUL
era o
melhor

Comendador da Ordem do Império Britânico; ganhador de cinco prêmios Ivor Novello; relacionado no Guinness como o mais bem-sucedido compositor de todos os tempos, com sessenta discos de ouro e vendas de mais de 100 milhões de compactos; cidadão emérito de Liverpool; doutor honoris causa em música pela Universidade do Sussex; detentor do recorde mundial de maior público de estádio, quando 184 mil brasileiros pagaram para vê-lo apresentar-se no Maracanã e do recorde mundial de venda mais rápida de ingressos, quando 20 mil entradas para dois shows em Sydney foram vendidas em apenas oito minutos; primeiro roqueiro a receber a Ordem do Mérito chilena, “por serviços prestados à música, à paz e ao entendimento humano”; e primeiro ganhador do prêmio Polar de Música da Suécia, o “Nobel da música”.

Entre outros dados, é desta forma que Barry Miles descreve sir James Paul McCartney em “Many Years From Now”, biografia autorizada do ex-beatle. Mas seriam necessárias centenas, milhares, milhões de biografias, de páginas, de parágrafos e dados a respeito do músico para descrever sua importância, influência e genialidade musical. Hoje, com os tão falados 64 anos, Paul está na ativa, compondo, gravando, fazendo turnês. Muitas pessoas em sua idade já nem têm ânimo para levantar da cadeira de balanço. E olha que McCartney não precisa disso: é um dos músicos mais ricos do planeta.

Este artigo vem defender Paul, na condição de melhor beatle. Ninguém aqui está desmerecendo ou discutindo a genialidade de Lennon (ou Harrison ou Ringo), mas, musicalmente, Paul era melhor. John morreu jovem e de forma covarde, e as pessoas sempre privilegiam os heróis martirizados. Lennon foi abandonado pela mãe, usava óculos e, convenhamos, não era lá muito bonito. Paul era bonitão e feliz. Talvez, para muitos, isso não mereça tanto crédito quanto a depressão e fossa em que Lennon vivia.

Enquanto John estava casado e com um filho pequeno em casa, gritando por socorro, Paul aproveitava todo seu dinheiro e influência na Londres dos anos 60, torrando sua grana com as mais estonteantes modelos da época. Ciumento, John preferiu largar tudo e se juntar à japonesa feia, quem sabe por assim ter menos concorrência. Paul, quando finalmente decidiu se casar, escolheu a loira milionária.

Foi Paul quem elevou os Beatles de um conjunto pop para artistas de vanguarda. Foi ele quem passou a compor pequenas sinfonias ao invés de simples canções de amor. Foi ele que incentivou a banda a fazer trechos superpostos, influenciado por gente como Stockhausen e John Cage. Se Paul é lembrado por baladas como Yesterday, se esquecem que John compunha coisas como Girl. Todos gostam de dizer que Lennon era responsável pela parte agressiva da banda, por conta de obras como Revolution e Yer Blues, mas se esquecem que Paul fez Helter Skelter e Oh! Darling.

É de McCartney todo o conceito de Sgt. Pepper's. É dele também o conceito dos álbuns/filmes Yellow Submarine, Magical Mystery Tour e Let it Be. Foi ele que segurou a barra quando Lennon, viciado e paranóico, não queria mais saber de nada e o pirrento Harrison não queria tocar, representando a figura paterna - e até deixando a barba crescer para o papel.

Paul assumiu a liderança da banda quando as drogas e Yoko dominaram John, sendo responsável por praticamente tudo no período 67/70. Assumiu também os negócios, finanças e problemas dos Beatles quando Epstein morreu. E foi Paul que, quando não agüentou mais, anunciou o fim da banda. Ele tinha esse direito.

Nos anos que seguiram após o fim dos Beatles, Lennon tratou o parceiro como cachorro vira-lata publicamente. Mal se falaram entre os dez anos que distanciam o fim dos Beatles da morte de seu fundador.

Não que Paul não tenha tentado se reaproximar. Mas o “herói da classe operária”, pescando em um de seus lagos particulares, num dos jardins de sua mansão de 50 quartos, não estava a fim de “dar uma chance à paz”.

Como todo workaholic, Paul concentrou sua mágoa no trabalho. Ainda em 1970, pegou sua mulher, suas garrafas de whisky, seus tijolos de marijuana e sua cadela Martha e se mudou para uma fazenda na Escócia. Isolado do mundo, tocou todos os instrumentos e gravou seu primeiro álbum solo, a tempo de concorrer nas lojas com Let it Be, o último dos Beatles. Logo tratou de montar outra banda. À frente dos Wings, Paul se consagrou como um dos artistas mais bem-sucedidos durante toda a década de 1970.

Nos anos 80, já sem os Wings, lançou alguns trabalhos duvidosos (e daí? Os anos 80 foram duvidosos pra todo mundo), mas sempre mantendo sua qualidade de composição. Veio a década de 1990, e ele estava lá, batendo recorde atrás de recorde. Hoje, com 64 anos, o cara ainda compõe, grava e excursiona. Chaos and Cration in the Backyard (2005), seu último trabalho de estúdio, consolida McCartney como um Schubert pós-moderno. E Paul não se contenta: ataca também através da literatura infantil, da pintura, da poesia e da música erudita. Compõe, canta, toca tudo, atua, produz, rege, pinta, borda, planta bananeira e sapateia. Recentemente, também tocou ao vivo na Praça Vermelha em Moscou e acordou astronautas em órbita ao som de Good Day Sunshine.

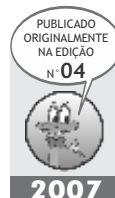
Perdeu sua companheira de mais de três décadas, Linda, para o câncer - como também já havia perdido a mãe e o parceiro George Harrison. Logo após se meteu na maior roubada de sua vida, casando-se com a ex-modelo Heather Mills, com quem teve uma filha. As loucuras de Mills (quem precisa de uma nova Yoko?) fizeram Paul pedir o divórcio e sua coleção de cachimbos e papel de seda de volta.

Ao lado de Linda, Paul, como ele mesmo afirma, fumou maconha diariamente por décadas. Quando juntou os trapinhos com Heather, caindo nas garras de uma oportunista após 40 anos de rock n' roll, a pernetta obrigou nosso herói a abandonar o (mau?) hábito. Ah, e levou alguns milhões de dólares.

Paul foi muito mais do que um beatle. É considerado o maior compositor do século XX, cuja obra, num futuro breve, será conhecida como a música clássica deste tempo. E o cara diz que não pretende se aposentar antes dos 90. Não teve a sorte de morrer tragicamente e ser considerado um santo que protege a humanidade, sentado numa nuvem de diamantes sobre um campo de morangos. Já passou da hora do mundo lhe fazer justiça e reconhecer: Paul era o melhor.



**FELIPE
SENRA**



*Felipe Senra gosta de punk rock, mas curte Paul McCartney. Com certeza, não seria aceito nos Sex Pistols.

COM A JANELA ABERTA

Muito cedo descobri que nesse mundo o observar, calmamente, vale muito mais que assistir a intermináveis aulas, seja lá do que for. As conclusões a que chegamos não são tolhidas ou modeladas por fórmulas, cujo nome mais apropriado seria “formas”. Daí surge a expressão “deformado” que interpreto como “aquele que não se submete às formas ou regras”. Pode até obedecer-lhas, num certo sentido, mas de modo algum se orienta ou sonha a partir de suas premissas.

A ordem é correr delas, sem se esconder, mas mostrando que as rejeita. É tal pensamento, uma espécie de princípio da rebeldia. Nada descabelada ou inconsequente, mas, essencialmente, questionadora. Como a Jararaca Alegre é um espaço onde “a ferrugem nunca dorme”, sinto-me à vontade para escrever sobre passado e presente como se fosse uma coisa só.

Enquanto este texto vai fluindo devagar ao som do inigualável Neil Young, minha mente viaja aos tempos quando ia para a beira da Rio-Bahia com meu avô que trabalhava por ali, e ficava encantado a ver grupos e mais grupos de autênticos hippies caminhando ou pegando carona rumo ao norte, mais precisamente à cidade baiana de Arembépe, onde ocorreria a versão tupiniquim do Festival de Woodstock.

Como aquela gente me fascinava! Suas roupas, cabelos, colares e mais colares de miçangas, contas e dentes e seus modos calmos, sua serenidade e alegria provocavam a inevitável comparação com as pessoas e lugares da minha rotina de garoto de doze, treze anos no máximo.

Estudava no então Colégio Nossa Senhora do Carmo, atualmente conhecido como “Jairo Grossi”. As irmãs carmelitas administravam a escola e primavam pela elevada qualidade do ensino, como hoje, e eram inevitáveis as imposições de valores morais e religiosos inerentes à ordem a qual pertenciam.

Em casa assistia a exibição de valores que ensinavam e entravam em choque com minhas aspirações. Mas, naquela idade pouco podia fazer. O máximo que consegui foi deixar os cabelos crescerem. E adorava quando um adulto, lá pelos idos do início dos anos de 1970, fazia alguma censura à minha estética capilar. Com a língua sempre afiada, respondi certa vez a um vizinho adulto, bem adulto que me criticava pelo tamanho dos cabelos dizendo que aquilo não era coisa de homem. Respondi na bucha: não quero cortar meus cabelos para não ser confundido com seu filho, que tem cabelos curtinhos, anda todo certinho, mas é viado.

Não preciso contar qual a consequência desta resposta. Entretanto, embora nada tivesse contra pessoas que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo, sabia que aquele homem se sentiria profundamente ofendido com aquilo. Era a minha forma de me rebelar contra o preconceito.



Raul Miranda

A janela continuou aberta. E um dia, antes de completar a maioridade saí pelo mundo com uma mochila nas costas. Foi um vôo curto, mas suficiente. Se na prática deixei de carregar a mochila e viajar de carona, dormir em postos de gasolina, nunca mais consegui me livrar daquela atitude. Sei que isto tá fedendo a algo autobiográfico, mas pelo menos são coisas que eu realmente vi e vivi.

Como alguém que acabou de sair de uma câmara criogênica e, após o descongelamento, aportei num planeta de plástico (é assim que acordo todo dia), cheio de leds, displays e gente bonita, muito bonita. E a cada momento sinto a necessidade de pensar hippie, agir hippie, viver hippie, pois essa gente bonita toda, muitas vezes, parece ser de plástico também. Movidos a comida sintética e programados a gostar ou desgostar disso ou daquilo. Nunca reclamam, apenas ficam um pouco, ou muito frustrados quando não conseguem ser de plástico também.

Enquanto isso, me jacto no privilégio de sentir aflições que muita gente sequer sabe que existem, de ter alegrias fantásticas sem gastar nenhum tostão, de viver como se estivesse completamente nu o tempo todo. A vida é leve.

Olhando pela janela, vejo a vida passar sem passar. Não preciso de relógio, pois toda hora é oportuna, não importando o nome que tenha. É como disse Cecília Meireles:

**“Eu canto
Porque o instante existe
E a minha vida está completa
Não sou alegre, nem sou triste,
Sou poeta
Irmão das coisas fugidias
Não sinto gozo
Nem tormento
Atravesso noites e dias no vento
Se desmorono ou se edifico
Se permaneço ou me desfaço
Não se fico ou passo.
Eu sei que canto e a canção é tudo
Tem sangue eterno e a asa ritmada
E um dia
Eu sei que estarei mudo,
Mais nada”.**



LAERTE

Laerte Coutinho é um dos maiores gênios dos quadrinhos que o Brasil já concebeu. Seu trabalho nas HQ corresponde ao de Fellini no cinema ou de Salvador Dalí nas artes plásticas. Seus temas são surreais ao trazer à tona o inconsciente dos personagens e coloca-los em choque com a realidade. Defende seus pontos de vista, sempre de uma humanidade transcendente, através de situações inusitadas e surpreendentes. O traço é perfeito na luz, no enquadramento, na beleza das linhas. Pai dos **Piratas do Tietê** e de **Lola, a Andorinha**, entre tantos personagens, é nas histórias de tema livre que ele extravasa de forma mais enfática sua mensagem de liberdade.

Por duas vezes a *Jararaca Alegre* teve a honra de publicar Laerte. A primeira, na edição 05 da nova série, em 2007, com a HQ «*Fadas & Bruxas*». Publicada originalmente na revista *Circo*, nos anos 80, tratava de um cara que entra de penetra numa festa destas mulheres mitológicas, entre corujas e pirilampos. A segunda foi na edição 08, de 2011: «*A insustentável leveza do ser*», onde nada é o que parece. Por duas vezes tive a cara de pau de pedir ao Laerte permissão pra publicar e ele me deu

verbalmente mesmo e, depois, deve ter até esquecido. Mas eu mandei pra ele as revistas e agradei quando o reencontrei. Acho que ele me acha um chato. Mas fã é chato mesmo. Laerte, pra mim, é para os quadrinhos o que John Lennon é para a música. E quem me conhece, sabe que isso é muita coisa pra sair da boca de um beatlemaníaco de carteirinha.

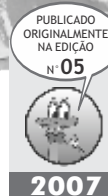
Laerte é genial, é humanista, prega um mundo melhor nas suas tiras, acredita no que prega e vive sua liberdade de maneira absoluta. O fato de ser *crossdresser* é só mais um detalhe. Laerte é um gênio. Pena que não dá pra reproduzir aqui as duas HQ. Espaço. Mas fica a nossa homenagem e nosso agradecimento. Longa vida ao Laerte!



Salão de Humor do Rio, 2007: nesse momento, criei coragem e pedi pra publicar «*Fadas & Bruxas*» na *Jararaca*. Laerte: «hum... tá!» Meu medo foi ele ter esquecido, já que a edição demorou uma eternidade pra sair rsrsrs (Camilo)



ESPECIAL LED ZEPPELIN



ROCK É ROCK MESMO



Camilo Lucas



Nestes tempos descolados em que vivemos, você consegue imaginar uma banda descolada fazer um filme mostrando a banda descolada ao vivo entremeada a fantasias filmadas e por neste filme o título acima?

Por exemplo, a gravadora dos Arctic Monkeys deixaria sua subsidiária no Brasil lançar um filme deles com o título "Rock é rock mesmo"? E o White Stripes então?

Pois é. Em 1978 foi lançado no Brasil o filme "Rock é Rock Mesmo", estrelado pelo... Led Zeppelin. A banda que pontificou nos anos 70 encabeçando uma verdadeira religião. E os cinemas brasileiros viraram templos desta religião, bem antes do bispo macedo transformar os cinemas brasileiros em templos de sua religião.

O Led Zeppelin foi para os anos 70 o que os Beatles foram pros '60. Vamos deixar os Stones de fora porque eles foram dos '60, '70, '80, '90, estão nos '00 e se ninguém fizer alguma coisa, não sei onde a coisa vai parar. O que vem depois de '00?

Bom, mas o Led pontificou nos anos 70 e, como os Beatles, finaram no alvorecer da nova década. Não há como falar em anos 70 sem se referir a John Paul Jones, Robert Plant, Jimmi Page e John Bohnham. A morte do baterista por overdose de vodca encerrou a carreira da banda. Mas durante os loucos anos 70, em que John Lennon declarou oficialmente morto o sonho, quem poderia guiar a juventude rumo ao palco prometido? Eles fizeram isto com maestria, gravaram oito obras primas, um disco ao vivo, um filme e encerraram a carreira com uma coletânea de sobras de estúdio.

A coerência não deixou que eles continuassem sem John Bonham. "Nenhum outro baterista vai fazer o som do Led", afirmou Jimmy Page na época. E pararam no auge. O som que dominou os anos 80, com Iron Maiden, Scorpions, AC/DC, todo o heavy metal paga tributo ao Led Zeppelin, mas ninguém fez o som que eles fizeram: Pesado, porem recheado de groove, o feeling da guitarra de Jimmy Page que passava do folk inglês direto pro heavy blues sem perder a pose, o vozeirão estridente de Robert Plant emulando um coral de anjos decaídos, a bateria de Bonzo Bohnham que simulava o estouro de uma manada de elefantes tribais, tudo embalado pela base dos teclados e do baixo de John Paul Jones, o maestro que não deixava ninguém esquecer que aquilo tudo era música, e não simplesmente barulho, como minha mãe recorrentemente afirmava lá da cozinha, só que eu não ouvia porque o som estava no volume máximo.

Agora Jimmy Page e Robert Plant dão entrevistas falando na volta do Led, desta vez com John Paul Jones, ao contrário do "Unledded" que eles fizeram nos anos 90. Os rumores também falam de Jason Bohnham, filho do mestre, na bateria. Ressureição! Agora é que os mais fanáticos vão garantir que Led Zeppelin é mesmo religião. A verdade é que essa volta é tudo o que a gente queria. Não sei se eles dariam conta de fazer um disco de inéditas parecer que é uma sequência de todas aquelas maravilhas gravadas nos anos 70. O mais provável é que não. Mas não tem problema, o importante é que eles voltariam a tocar, fariam uma turnê e provavelmente passariam pelo Brasil. Será que finalmente poderemos morrer em paz?...

A Discografia

O primeiro disco, **Led Zeppelin**, veio à luz em 12 de janeiro de 69. Enquanto era lançado, os Beatles estavam no terraço da Apple gravando seu adeus e os Stones, enrolados com as doideiras de Brian Jones, tramavam um jeito de expulsá-lo da banda, sem saber que se esperassem mais um pouquinho, seriam poupados deste desgaste pela sua morte trágica na piscina.

A capa trazia a foto clássica do Gruff Zeppelin se incendiando numa torre de TV nos Estados Unidos. Diz a lenda que o nome da banda surgiu quando o baterista do The Who, Keith Moon, foi ver um ensaio dos caras, que estavam deixando a alcinha de "New Yardbirds" para se lançar como uma nova banda,

mas ainda sem nome. Ao ver o tamanho do barulho que eles faziam, e achando tudo aquilo totalmente anti-comercial, o doidão dos doidões Keith Moon soltou:

- Esta banda vai decolar como um zepelin de chumbo!

Zepelin de chumbo. **Led Zeppelin**, ficou o nome. No primeiro disco, as influências blueseiras estavam à flor da pele, mas o estilo pessoal já se manifestava em baladas pesadas como *Your time is Gonna Come* e *Baby I'm gonna leave you*. E *Dazed and confused*.

No mesmo ano, em outubro, saía **Led Zeppelin II**. O surpreendente sucesso do primeiro e o gás em que a banda estava não podiam esperar. E veio a consagração: *Whole Lotta Love* lança a receita do Heavy Metal, coadjuvada por *Heartbreaker*

e *Living loving maid*, *Thank You* também foi outro standard do heavy: o das baladas doces que seriam incorporadas por bandas como o Black Sabbath ("changes") ou Scorpions ("Still lovin' you"), por exemplo. Depois desse disco, o Led virou a banda, os queridinhos dos roqueiros que entrariam nos '70 a fim de algo mais do que a paz e amor dos '60. Afinal, o sonho tinha acabado.

Em 5 de outubro de 1970, **Led Zeppelin III** mostra uma evolução na trajetória da banda, com violões fazendo contraponto à guitarra ensandecida de Jimmy Page. O blues *Since I've been lovin' you*, a pedreira *Immigrant song* e a baladona *Tangerine* são os clássicos.

Quando se pensava que o mundo já tinha acabado, sai em 8 de novembro de 71 o disco "sem nome", mas que obviamente ficou conhecido como **Led Zeppelin IV**. Pra encurtar o

assunto pois o espaço é pouco, basta dizer que foi ali que o mundo conheceu *Stairway to Heaven*. Você que acha manjada hoje, não sabe o que foi quando a rapaziada ouviu pela primeira vez. Orgasmos múltiplos se sucediam a overdoses homéricas. Sem contar ainda *Going to California*, *Black Dog*, *Misty Mountain Hop*, *Rock and Roll*...

Depois de um pequeno intervalo, vem o disco mais pop do Led. Agora eles param de fazer discos sem nome e batizam a bolacha de **Houses of the Holy**. Lançado em 28 de março de 73, traz reggae ("Dyer Maker"), gravado até pelo (aaargh!) Babado Novo (essa informação é relevante? Atenção editor!!). Traz os grooves *Over the hills and far away* e *The ocean* (minha preferida), uma sucessora de *Stairway to Heaven* (*The rain song*) e o hit *The song remains the same*.



Os discos que estão ilustrando esta matéria são os vinis que sobraram na minha casa depois de aprox. 30 anos de rock'n roll. Né Baby? Esses discos tocaram nas festas da Jararaca Som nos anos 70, me acompanhou pelas cidades por onde passei nos '80, e foram motivo de vizinhos ligarem pra polícia nos anos 90. E ainda tocam que é uma beleza.

O mais legal eram as capas. Hoje, quando que se baixa apenas a música que se quer, a noção de álbum se perdeu, mas no tempo do vinil, era todo o conjunto da obra que criava a magia: pra começar, o disco era caro. Você tinha que escolher bem pra comprar, pois era um investimento. Não dava pra copiar. Tá certo, tinha as fitas K-7, mas era segundo escalão.

O disco então tinha de ter uma capa chamativa, e as mais criativas eram as dos discos de rock. O Yes, o Rush e o Genesis caprichavam, pois a arte da capa tinha que sugerir as viagens oníricas cantadas pelos acordes do rock progressivo. Mas o Led era o campeão. As capas eram posters. O disco ao vivo, então, era brincadeira: vinha com um encarte de 8 páginas violentamente coloridas e ilustradas com fotos das cenas de fantasia do filme. O Houses of the Holy, que hoje seria acusado de pedofilia, trazia as menininhas loirinhas nuas engatinhando pelas pedras do tal local sagrado. O IV e o velho no alto da montanha fazia cada um viajar de um jeito. Enfim, o visual das capas, misturado com o som fantásticamente turbinado, gerava a onda cerebral de acordo com o estimulante, se é que ele era necessário.

E a verdade é que todos eles eram super músicos, o que o punk veio condenar no fim dos '70 mas não colou. Uma crítica, muito apropriadamente (coisa rara) afirmou: "O bom gosto de Jimmy Page para misturar, sem choques, timbres e sonoridades de diferentes estilos musicais, muitas

vezes nem mesmo na parte da guitarra, mas nos arranjos de outros instrumentos, é a diferença". Basta dizer que na sua turnê "Pietà", Milton Nascimento interpreta "Going to California", ao lado de Marina Machado. Ao mesmo tempo que o Led tinha a guitarra pesada pesada de Page, eles podiam na mesma música passar para o bandolin e o piano sem mudanças bruscas visíveis (ou audíveis).

Não falo aqui como crítico musical, não tenho preparo pra isso, nem vou me meter a ser o que não sou. Falo como fã, sem fanatismo. Fã porque apreciador do trabalho realizado por eles durante seu tempo. Falo como pessoa que viveu alguns dos melhores momentos de sua vida ao som daquelas bolachas fantásticas lançadas nos anos 70. É, eu tive o privilégio de ser adolescente nos anos 70. Eu estava lá quando Sid Vicious e Johnny Rotten tentaram derrubar os dinossauros do rock. E é engraçado: a crítica de hoje, com seu distanciamento histórico, teima em afirmar que o Sex Pistols e o Clash derrubaram o reinado de bandas como Led Zeppelin, Deep Purple e Yes. Mas eu não vi nada disso na época.

Eu vi um monte de rebeldes sem causa raspando o cabelo no estilo moicano, furando a pele com alfinetes, usando roupas rasgadas e coturnos. Mas o som não me (nos) comovia. Quem era acostumado a Richard Blackmore, Jimmy Page, Steve Howe e Keith Richards não podia concordar que Steve Jones era melhor. A moda punk passou e deixou um monte de skinheads melequentos batendo em pretos e se dizendo o poder branco. Só se salvou o Clash por causa do talento de Joe Strummer. Mas o tempo provou que ninguém foi derrubado. A música do Led e outros dos '70 se tornou clássica, o punk ficou datado e cada um teve o que mereceu. E, se for o que nós merecemos, os boatos se confirmarão e nós teremos um pouco de Led de volta.

ntira: nunca mais a música foi a mesma depois do Led.

Agora eles davam mais tempo entre um disco e outro. Mas em 24 de fevereiro de 75 sai um álbum duplo: **Physical Graffiti**. Ai a moçada pirou. Ninguém tinha dinheiro pra comprar álbum duplo! Ou vocês acham que no tempo do vinil tinha essa pirataria toda aí? E o disco ainda veio com *Kashmir*!!! Foi um tal de beber menos, ficar sem lancha no recreio, essas coisas...

Em seguida, veio o pesadíssimo **Presence** (31 de março de 76). *Aquilles last stand, Nobody's fault but mine, Tea for two, só petardos*. Sem baladas desta vez. Blues pesado e heavy metal de primeira. Quando comprei esse disco fiquei uma semana sem sair do quarto.

Em 22 de outubro de 76 aparece o primeiro ao vivo do Led: **The song remains the same** (eles insistiam na mentira). Gravado anos antes (73) no Madison Square Garden. Acho engraçado ver as críticas de hoje, escritas por quem não estava lá, dizendo que o disco ficou uma bosta (com outras palavras, claro). Aqui a gente não tava nem aí não. Era um ao vivo do Led Zeppelin, ninguém tinha a mínima chance de ver um show deles, então o que aconteceu foi histeria coletiva mesmo. E era mais um álbum duplo! A essa altura, a tendência já era tentar arrumar emprego, porque ficar sem o disco é que não dava. E ele veio com um encarte fantástico, cheio de fotos do filme para o qual serviu de trilha sonora (veja em outra parte desta matéria).

Falam mal das interpretações, que podia ser

melhor e tal, mas se esquecem que o mais legal do disco ao vivo é flagrar o momento histórico que a banda vive, e nenhum momento no palco é perfeito como no estúdio, e nisso está toda a graça: você vê que os caras são mortais como você.

Mesmo assim, as versões de *Celebration Day*, *Stairway to Heaven* e *No quarter* valem o disco. E com um pouquinho de paciência (ou com outras coisas, como se fazia na época), ouvir os 27 minutos de *Dazed and Confused* ou os 15 de *Whole Lotta Love* vale a pena só pra viajar no tanto de citações que Jimmy Page inclui nos solos. E toda-se: era o Led tocando ao vivo.

Depois do ao vivo, aconteceram aqueles reventários todos que já se tornaram lenda: acidente de carro com a família de Robert Plant, afundamento nas drogas do Jimmy Page, morte do filho de Robert Plant... e a turma que ficava

ouvindo os discos de trás pra frente pra descobrir mensagens satânicas cifradas em *Stairway to Heaven* colocando a culpa no ocultismo praticado pela banda. Rock legends. Sempre haverá isso. Afinal, Paul não morreu e foi substituído por um sócio?? a verdade é que a banda tava numa maré braba.

Mas em 15 de agosto de 79 sai *In through the out door*. Finalmente um disco novo do Led. Mas que estranho! Só tem teclados!!! O que está acontecendo? tirando *All my love*, o resto é difícil de ouvir. Má fase... que não iria passar: durante os ensaios da turnê, John Bonham morreu de coma alcoólico após ingerir 40 doses de vodca. Fim da banda. Rock é rock mesmo. Como toda ópera, lançam *Coda* para fechar o ciclo, trazendo sobras de estúdio. Salva-se *Hey hey*



Sérgio Mogga

* Sérgio Mogga é músico, mas escreve para a Jararaca Alegre a partir de agora...



PUBLICADO ORIGINALMENTE NA EDIÇÃO N° 04



2007

Sem dúvida nenhuma, um dos grandes destaques na história do rock foi o grupo Queen; banda inglesa formada no início dos anos 70 por um quarteto de músicos hipertalentosos que inovaram o cenário da música com um estilo arrojado e diferente, dando asas a novas tendências.

Com arranjos vocais operísticos e instrumentais superelaborados, o Queen foi um dos grupos de rock mais premiados de toda a história com o álbum "A Night At The Opera" de 1975, arrepiando o mundo com canções como Love Of My Life e Bohemian Rhapsody. Na sequência da discografia, músicas como We Are The Champions, We will Rock You e outras, consagraram de vez a banda. A Rainha então reinava e ninguém roubava seu trono, passando a fazer shows por todo o mundo em estádios de futebol com lotação esgotada.

O triste fim do grupo veio com a morte do vocalista Freddie Mercury em decorrência da aids.

Em 1992, foi realizado um grande tributo ao cantor no estádio de Wembley na Inglaterra, com grandes astros da música internacional tais como Elton John, Guns And Roses, Robert Plant, David Bowie, Liza Minelli e outros, cantando, homenageando e declarando admiração pelo finado músico.

Nunca escondi minha admiração pelo Queen e não é a toa que escrevo esta matéria. Há algum tempo atrás, fiz uma pintura da banda com um visual dos velhos tempos

(O Freddie cabeludo e sem aquele bigodão) ali naquele muro perto do viaduto. Recentemente, quando do lançamento da última Jararaca Alegre o Camilo me pediu para repetir a mesma pintura em um painel para servir de fundo de palco para o show da banda Lurex [Queen cover de BH].

Fomos para casa do Camilo, refizemos a pintura, desta vez com algumas pinceladas deste último também, além do apoio psicoalcolológico do Raul Miranda e do Edra (fotos acima). Os caras da banda piraram com o painel e acabaram sequestrando-o aos nossos olhos para ser usado nos shows seguintes deles.

Foi lançado no ano de 2005 em cd e dvd o show Queen + Paul Rogers sendo este último ex-vocalista das bandas Free e Bad Company. O show é um arraso e mostra todo vigor e talento desses caras fenomenais. O Paul arrasa nos vocais e homenageia Freddie de forma singular.

Segundo estatísticas recentes, o cd Queen Greatest Hits foi o mais vendido de todos os tempos na Inglaterra [berço da banda] chegando a marca dos 5.407.587 cds vendidos. Após a morte de Freddie, foi também lançado um cd inédito com gravações de estúdio intitulado "Made In Heaven" que ele propositalmente deixou gravado para que fosse lançado após sua partida para o além. Talvez, por causa dessa espiritualidade toda, a sua música ainda nos parece imortal. "Who Wants To Live Forever?"



Na Segunda metade dos anos 80, uma editora, a Circo Editorial, capitaneada por Toninho Mendes, promoveu uma revolução nos quadrinhos nacionais. Publicava quadrinhos de autor, brasileiros e internacionais. Revistas de Angeli (Chiclete com Banana), Laerte (Piratas do Tietê), Glauco (Geraldão) e uma coletânea bimestral chamada Circo que publicava simplesmente a nata dos quadrinhos europeus, além da prata da casa (os supracitados e o genial Luís Gê, entre outros). Colecionador que sou, tenho boa parte do que foi publicado pela Circo encadernado em capa dura e guardado a 7 chaves. Quando eu e o Edra nos deparamos com o Angeli no FIQ (Festival Internacional de Quadrinhos) de BH, fomos obrigados a lhe entrevistar, para impaciência de sua esposa que a toda hora cobrava que o tempo que tínhamos combinado já tinha acabado, mesmo assim ele não pediu pra parar enquanto não esgotamos o assunto (rsrsrs). Enfim, a entrevista foi publicada na Jararaca Alegre nova série 04, em 2007, em 8 páginas. Infelizmente não temos este espaço, então publicamos um trecho para ficar registrado o momento em que conversamos com um dos nossos grandes ídolos, um dos maiores cartunistas do Brasil. Criador de personagens impagáveis como Bob Cuspe, Rê Bordosa, Os Scrotinhos, Osgarmo, Meiaioito e Baixinho, e que hoje, pontifica na página 2 da Folha de S. Paulo com as charges mais «dedo na ferida» que esse país da piada pronta já viu.

Camilo – Angeli, eu venho acompanhando seu trabalho desde os anos 80, quando você começou a publicar as tirinhas “Chiclete com Banana” na Folha de S. Paulo, e depois, a partir de 86, a revista “Chiclete...”, que eu colecionei, até a sua “explosão”. Depois de todo esse sucesso, você continua em crise?

Angeli – Bom, essa crise tem dois aspectos. Um, é o aspecto mentiroso; mesmo não estando em crise, eu crio esta situação. Agora, por um outro lado eu acho que, como todo ser humano, a gente vive assim, crises internas, em nossa vida conjugal, na sociedade, profissional, em tudo; alguns, até sexual. Então, eu acho que, mesmo que eu não esteja com uma crise latente, é muito fácil a gente, dentro da gente, resgatar alguma crise para colocar numa tira. Alguma preocupação que te acompanha a vida toda, alguma coisa mal resolvida, mesmo que não te incomode exatamente, mas ela tá ali. Então, é fácil, se eu quiser resgatar isso é muito simples, e já detona alguma crise. Mas em muitos casos eu forjo, um pouco, uma situação, pra essa crise parecer uma coisa latejante, assim.

Quanto eu fiz o primeiro quadrinho “Angeli em Crise”, acho que em 86 mais ou menos, foi assim, de bobeira, mesmo. Publiquei, e não acreditando naquilo – eu sabia que era só humor, e tal – eu recebi uma carta de leitores, do interior de S. Paulo, de um casal – não foi nem na revista, foi na seção de cartas da Folha, mesmo – e eles falavam “ô rapaz, nós estamos com você, não fique em crise, não se deprima”... Eu falei: Pô, eu consegui enganar os leitores! Ai eu vi que era um meio de comunicação que eu podia criar, do autor com o leitor, não ser aquela coisa chapada, que você compra uma revista, do Maurício de Souza, por exemplo, que tem uma historinha que o autor não tá ali, né; então, era eu me colocando na tira, e meio que me abrindo com o leitor...

Camilo – Quadrinho de autor, né?

Angeli – É, quadrinho de autor, e funcionou; agora, eu tenho feito até poucos assim. Eu já investi até mais nessa área, nesse “lado negro”.

Camilo – Agora, um outro aspecto dessa pergunta. Quando você está lançando um personagem, ele toma forma com o tempo. Quando ele está começando a se desenvolver, dá umas crises de “branco”, por exemplo...

Angeli – Dá.

Camilo – ...E agora, que os personagens já se incorporaram ao imaginário das pessoas, tem algum outro tipo de crise...

Edra – ...Uma crise real, dentro do sucesso, de tudo, se torna um agravante ou um atenuante?

Angeli – Sim e não; dependendo da minha fragilidade, no momento. Agora, eu sei que eu fico em crise, às vezes com um personagem, quando eu tento colocar na tira e – não é

que ele se recusa, por quê ele não tem vida própria, mas eu não consigo colocar em prática a ideia que eu tenho do personagem. Ai, geralmente, eu começo a checar, não só aquele que eu estou tendo dificuldade no momento, como os outros que eu faço, porquê na verdade eu acho que a equação de todos os meus personagens é a mesma, eu acho que são personagens diferentes, que representam tipos de pessoas diferentes, mas sempre eles comentam os mesmos assuntos. Então, os assuntos com que o Bob Cuspe se depara, são os mesmos que, por exemplo, a Rê Bordosa. Cada um tem uma reação ao assunto, então eu começo a checar os personagens, se eles criam uma briga com o leitor, se eu vou conseguir passar o que eu quero com o personagem pro leitor, ou se aquele personagem está bem elaborado para aquilo, mesmo... Então, se eu começo a ficar em crise, eu abandono todos eles e começo a fazer outras coisas, por exemplo...

Camilo – as “Histórias de Amor”...

Angeli – ...As “Histórias de Amor”, ou o próprio “Angeli em crise”, ou eu deixo de ser autor de quadrinhos e começo a ser desenhista: começo a colocar esboços, e tal... porquê o personagem, tem uma fórmula gráfica, que, às vezes, quando você acha, você fica feliz, “consegui resolver” o personagem...

mas aí eu começo a olhar e “pôrra, mas tá parecendo muito uma coisa comercial”, muito “pop”... aí eu começo a falar, “pô, mas eu não desenho só isso, eu sou mais que isso, meu desenho vai além disso”. Ai eu venho e entro com uma série de esboços, eu...

Camilo – Você mata o personagem, também...

Angeli – ...É, matar, oficialmente, eu matei só a Rê Bordosa; agora, o Bob Cuspe, eu abandonei; não cheguei a criar uma história para o fim dele, até porquê eu não sei, eu tenho a esperança de, um dia, ainda conseguir mexer com o Bob Cuspe melhor. Mas eu abandono, assim.

Edra – Não só em respeito ao personagem, como também ao leitor, né?

Angeli – Exatamente. E também, a minha proposta, na tira, sempre foi autêntica. Quando eu sinto que em algum momento, algum personagem não está correspondendo a isso, eu começo a achar que tá na hora de abandonar. Mas no fim, eu percebi que na verdade, naquele momento, sou eu que não tô bem. Já resgatei personagens que eu tinha abandonado, e resgatei em momentos bons. E consegui desenvolver um trabalho com eles, e tal. Então, em penso menos nisso. Eu acho que, como o autor se sente, o reflexo vai pro personagem.

Camilo – Personagens como o Osgarmo, o Walter Ego, a própria Rê Bordosa, eles são baseados em pessoas, como alguém que você conhece, ou em tipos humanos?

Angeli – A Rê Bordosa, sim. Nela, eu pensei em um tipo de pessoa, num tipo de mulher, não numa mulher exatamente, mas num tipo de mulher dos anos 80. Até por quê eu acho que foi uma década em que a mulher deixou... a luta feminina não era mais “queimar sutiã”, levantar palavra de ordem, era colocar em prática a liberdade, e eu comecei a mexer com isso. Por isso que eu acho que a Rê Bordosa não teria fôlego para chegar nos anos 90, 2000. Por quê eu acho que a mulher, hoje, se resolveu muito. Agora, o Osgarmo não.

O Osgarmo, eu peguei um amigo meu, que também é cartunista, o Adão Iturragaray, porquê ele é bem mais novo do que eu; então, quando ele chegou em São Paulo, que ele é gaúcho, né, ele chegou assim menino soltando hormônios sexuais pelos poros, né, então ele não podia ver mulher que – oooohht – ficava louco, né. Mas é um personagem que não tem profundidade, como a Rê Bordosa, e tal. É um personagem de squetes, de “gags”, quer dizer, ninguém sabe exatamente o que é que o Osgarmo pensa, por quê não dá tempo, mas é um personagem que eu fiz durante um tempo, assim. E é gozado, as pessoas que gostam do Osgarmo, que o tem como personagem preferido, geralmente são moleques, também...

Por onde anda o Cachorro

Sexta-feira, 18h, tempo nublado com previsão de chuvas e trovoadas. Depois de uma semana ralando que nem peão no metrô de São Paulo, creio que devo tomar uma atitude drástica. Ah, este troço todo tá um saco, tô parecendo uma bicicleta ergométrica: pedalo, pedalo e não saio do lugar. Agora pirei de vez, vou procurar uma encruzilhada e fazer um pacto com o “coisa ruim” pra ver se as coisas melhoram.

E fui mesmo! Tomei o 5401, subi a avenida Amazonas e depois de vários solavancos encontrei minha crossroads na Francisco Sá com Amazonas. Liguei meu player de mp3 e Robert Johnson me mostrava o caminho. Parei num copo sujo, comprei uma latinha de Skol, um espetinho de “carndiporcu”, uma dose de Seleta e me postei num dos lados da crossroads. Agora era aguardar o contato do bicho malvado.

Dei uma bicada na caninha, pra tomar coragem quando o pestinha aparecesse. Virei a Skol e, quando ia mandar os dentes no churrasquinho, o celular toca, Putz, nem cheguei direito e o danado já fez contato?!?. Mas não era para ele aparecer pessoalmente como nos filmes? É, capeta moderno tem celular, e-mail, orkut e I-Pod pra ouvir Death Metal. Só falta botar botox e sofrer com anorexia. E ser Emo. Ok, meu nome é EMO, o DEMO.

Tremendo que nem carioca ao cruzar a linha amarela, peguei o telefone e disse “é agora ou nunca. Vou atender o chamado da besta”.

Doido??

Quando vou falar alô, vejo no display do aparelho que não era o bicho ruim me chamando, mas sim o Camilinho. E o cara tava do outro lado da encruzilhada!! Como ele chegou aqui? O Foca Nefelibata atravessou a rua e veio em minha direção. Com sua voz de trovão, Camilo me disse:

- É...É...É...É...É...É...Cabeto, eu sei todos os seus problemas. E tenho a solução para eles. Não precisa mais fazer o pacto. Você precisa ter tolerância. Eu sei como ter mais tolerância. Eu sei o caminho para a tolerância. E você vai desistir de tudo logo agora que o sapo barbudo anunciou o PAC PRAPQP? Basta você me falar onde está o Cachorro Doido e tudo vai se resolver.

Santo Camilo, captei suas divinas palavras recheadas de saberes milenares. Teremos mais tolerância, amado guru. Mas quanto ao Cachorro Doido eu não sei onde ele se encontra. Deveria estar em Caratinga, pois foi lá que nasceu o bloco. Ôh céus, prefiro voltar ao pacto do que ter que encontrar esta fera....

- Cabeto, o único modo de você sair desta situação é achar o Cachorro, senão vou atormentá-lo com meus DVDs e carnês do Galo...



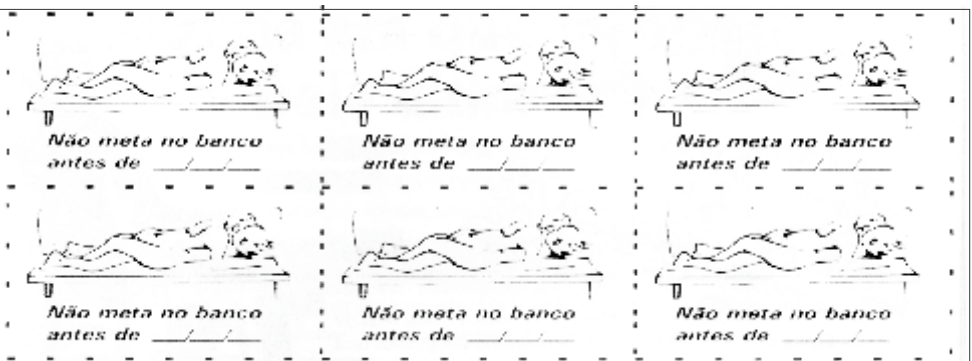
- Help me, Lord! Sábio Ícone do Saber Sabido, vou agora cumprir minha missão.

Assim como as lendas selvagens da humanidade, o Cachorro Doido é uma criação coletiva que ninguém sabe se algum dia existiu mesmo. Fazem parte deste imaginário o Saci-Pêrere, o Curupira, o monstro do lago Ness, o abominável Homem das Neves – representado por Aécio Neves, Tancredo Neves e Milton Neves – e Honga, a mulher-gorila.

Causa estranheza o fato de a criação coletiva ter sido apropriada por um humano. Será que é verdade? Ouvi falar isto, mas claro que não acredito. Que direitos tem alguém de ser dono do Cachorro Doido? E Cachorro Doido, como todo vira-lata de rua, possui algum senhor? O cão é livre, ele não nasceu pra ficar acorrentado. Alguém poderia ser o proprietário do lobisomem, da mula-sem-cabeça, da mulher-algodão? Como vou fazer para recuperar a liberdade do bichinho?

Chorãozinho de cheque

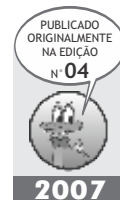
Para você, que gosta de um borrachudo! Basta recortar e grampear no seu checão! De nada!





Cabeto

* Carlos Alberto Carli faz todo mundo pensar que é músico, blusman e beatlemaniaco, mas na verdade ele é jornalista. Como jornalista, compôs uma ode ao Cachorro Doido, que se tornou um clássico da cachorrada.



Pensei em entrar em contato com Serginho, Tião, Kiki, Evâneo, Tim Pum-Pra-Trás, Pelé, Andrada Rodão, Savério, Boca-Rôxa, mas eles também desapareceram misteriosamente. Tentei encontrar o vinil do Oswaldo Montenegro que tem a música que escutávamos na casa do Tião Bagulhim com o refrão “pega este cachorro doido, pega este cachorro doido”. Mas isso também foi em vão, porque não tenho mais pick-up, agulha nem saco pra ouvir o Oswaldo.

Álias, como dizia meu amigo Claudionor, o nome Oswaldo fere toda a gramática lusitana e portuguesa. Se é um cara só, não pode ser Oswaldo. Tem que ser Owaldo. Se fossem dois é que seriam Oswaldos. É como o nome do estado de Alagoas. Se é um estado, o correto é Alagoa. Se fossem dois, seriam Aslagoas. Até meu nome tá errado. Como sou um só, não posso me chamar Carlos Alberto. Deveria ser Carlo Alberto. Se fosse eu mais meu clone seríamos Carlos Albertos.

Após esta pequena lição gramatical, continuei minha busca pelo cão danado. Onde se escondeu o animal? Procurei em açougues, bordéis, pet-shops, cinemas, bares, ruas, praças, livrarias, discotecas, mas nada do sujeito aparecer. Até chamei a Lassie, pra ver se atiçava o bichinho, e também deu em nada. Fiquei uiando pela Praça Sete e fui levado pelos agentes comunitários para Barbacena, local onde passei um agradável semestre junto com Napoleão Bonaparte, Dado Dolabela, Folha-Seca e Nero.

Minha estada nesta maravilhosa casa de repouso me levou à reflexão profunda e usando todo o meu pensamental desvendei a seguinte mensagem em hieróglifo: o cachorro ficou doidim praquerê, virouamante do álcool, mandou passar a régua e disse vamo nelssa? (tradução: o cão ficou loquim pramandarver, transformou-se em ricardão da cana, exigiu que engomasse a madeira e falou come on!?)

E para alegria de meus credores e amigos, e para minha principalmente, consegui me livrar da praga da segundona que o Camilo queria me jogar e também do encontro com o mefítico anjo. O Cachorro Doido foi ser animador de baile funk no Rio de Janeiro. Agora ele faz parte do Bonde do Tigrão e canta todo fim de semana. Perguntei pro danado porque que ele tomou esta decisão radical e a fera, lambendo os beijos e dando aquele olhar 43, me disse, ou melhor, latiu:

-Cabeto, nunca vi tanta cachorra junta de uma vez, meu peixe. Você acha que eu ia perder uma oportunidade destas, malandragem? Elas estão descontroladas. Só as cachorras. As preparadas. As popozudas. Olha a cachorra!! Deixa a cachorra passar (Ela quer rebolar!) Deixa a cachorra passar (Chama ela pra cá!) Deixa a cachorra passar (Ela quer provocar!). Quer mais ou tá bom? Vida de cão é a sua, mané!

Tá certo...

1a...tencção!
Esta é a
SEÇÃO
1A...TENÇÃO!

1a...tencção! Em dia de tempestades e trovoadas, o local mais seguro é perto da sogra, não há raio que a parta.

1a...tencção! Sogra é como onça, todos temos que preservar, mas ninguém quer ter em casa.

1a...tencção! Mulheres são como traduções: as boas não são fiéis e as fiéis não são boas!

1a...tencção! O que há em comum entre um bolo queimado, cerveja estourada no congelador e mulher grávida? Nada, mas se você tivesse tirado antes, nada disso teria acontecido!

1a...tencção! Motoboy é como pênis:

'Tem cabeça e não pensa, vai e vem o dia todo, quer passar onde não cabe, às vezes se esfolia, geralmente anda duro e de quebra ainda fode os outros!'

1a...tenção! Esta é a SEÇÃO 1A...TENÇÃO!

1A...TENÇÃO É UTILIDADE PÚBLICA! CONHEÇA AS FASES DA TPM

TPM em 4 fases (procura-se a autoria para entregar o Nobel):

Fase 1 - a Fase Meiguinha

Tudo começa quando a mulher começa a ficar dengosa, grudentinha. Bom sinal? Talvez, se não fosse mais do que o normal. Ela te abraça do nada, fala com aquela vozinha de criança e com todas as palavras no diminutivo. A fase começa chegar ao fim quando ela diz que está com uma vontade absurda de come chocolate. O que se segue, é uma mudança sutil desse comportamento, aparentemente inofensivo, para um temperamento um pouco mais depressivo.

Fase 2 - a Fase Sensível

Ela passa a se emocionar com qualquer coisa, desde uma pequena rachadura em forma de gatinho no azulejo em frente à privada, até uma reprise de um documentário sobre a vida e a morte trágica de Lady Di. Esse estágio atinge um nível crítico com uma pergunta que assombra todos os homens, desde os inexperientes até os mais escolados como o meu pai:

- Você acha que eu estou gorda?

Notem que não é uma simples pergunta retórica. Reparem na entonação, na escolha das palavras. O uso simples do verbo "estou" ao invés da combinação 'estou ficando', torna o efeito da pergunta muito mais explosiva do que possamos imaginar. E essa pergunta, meus amigos, é só o começo da pior fase da TPM. Essa pergunta é a linha divisória entre essa fase sensível da mulher para uma fase mais irascível.

Fase 3 - a Fase Explosiva

Meus amigos, essa é a fase mais perigosa da TPM. Há relatos de mulheres que cometeram verdadeiros genocídios nessa fase. Desconfio até que várias limpezas étnicas tenham sido comandadas por mulheres na TPM. Exagero à parte, realmente essa é a pior fase do ciclo tepeêmico. Você chega na casa dela, ela está de pijama, pantufas e descabelada. A cara não é das melhores quando ela te dá um beijo bem rápido, seco e sem língua. Depois de alguns minutos de silêncio total da parte dela, você percebe que ela está assistindo aquele canal japonês que nem ela nem você sabem o nome. Parece ser uma novela ambientada na era feudal. Sem legendas... Então, meio sem graça, sem saber se fez alguma coisa errada, você faz aquela famosa pergunta: 'Tá tudo bem?' A resposta é um simples e seco: 'Ta' sem olhar na sua cara. Não satisfeito, você emenda um 'Tem certeza?', que é respondido mais friamente com um rosnado baixo e cavernoso 'teenhoo.'. Ai, como somos legais e percebemos que ela não tá muito a fim de papo, deixamos quieto e passamos a tentar acompanhar o que Tanaka está tramando para tentar tirar Kazuke de Joshiro, o galã da novela que...

- Merda, viu!? - ela rosna de repente.

- Que foi?

A Fase Explosiva acaba de atingir o seu ápice com essa pergunta. Sem querer, acabamos de puxar o gatilho. O que se segue são esporros do tipo:

- Você não liga pra mim! Tá vendo que eu to aqui quase chorando e você nem pergunta o que eu tenho! Mas claro! Você só sabe falar de você mesmo! Ah, o seu dia foi uma merda? O meu também! E nem por isso eu fico aqui me lamuriando com você! E pára de me olhar com essa

1a...tenção! Rita Lee teve uma daquelas idéias brilhantes, dignas do seu gênio criativo. Reclamando da inutilidade de programas como o Big Brother, ela deu a seguinte sugestão:

- Colocar todos os pré-candidatos à presidência da República trancados em uma casa, debatendo e discutindo seus respectivos programas de governo. Sem marqueteiros, sem assessores, sem máscaras e sem discursos ensaiados. Toda semana o público vota e elimina um.
- No final do programa, o vencedor ganharia o cargo público máximo do país. Além de acabar com o enfadonho e repetitivo horário político, a população conheceria o verdadeiro caráter dos candidatos.
- Assim, quem financiaria essa casa seria o repasse de parte do valor dos telefonemas que a casa receberia e ninguém mais precisaria corromper empreiteiras ou empresas de lixo sob a alegação de cobrir o 'fundo de campanha'.

A idéia não é incrivelmente boa?



1A...TENÇÃO! TRÊS GRANDES NOTÍCIAS ABALARAM O PLANETA!!!

(ZÉ SIMÃO - FOLHA DE SÃO PAULO)

Primeiro: Masturbação evita câncer da próstata. Ou seja, mãos à obra! Ops, mãos à cobra! Então, quando você se tranca no banheiro com a 'Playboy', não é mais masturbação, é manutenção!

Depois saiu esta: 'Pizza evita câncer de estômago'.

E agora a mais nova: 'Cerveja faz bem aos ossos'.

Nunca foi tão fácil cuidar da saúde: punheta, pizza e cerveja!.

Falta só falar que TV faz bem pra vista!! Já Imaginou! Sentado num sofá, tocando uma, comendo pizza, tomando uma gelada e vendo filme pornô.

Pra que academia?

cara! Essa que você faz e você sabe que me irrita! Você não sabe! Aquele vestido que você me deu ficou apertado! Aaaai, eu fico loooooouca quando essas coisas me acontecem! Você também, não quis ir comigo no shopping trocar essa merda! O pior de tudo é que hoje, quando estava indo para o trabalho, um motoqueiro mexeu comigo e você não fez nada! Pra que serve esse seu Jiu Jitsu? Ah, você não estava comigo? Por que não estava comigo na hora? Tava com alguma vagabunda? Aquela sua colega de trabalho, só pode ser ela. E nem pra me trazer um chocolate! Cala sua boca! Sua voz me irrita! Aliás, vai embora antes que eu faça alguma besteira. Some da minha frente!

Desnorteado, você pede o pinico e sai. Tenta dar um beijinho de boa noite e quase leva uma mordida.

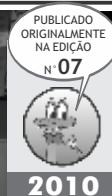
Fase 4 - a Fase da Cólica

No dia seguinte o telefone toca. É ela, com uma voz chorosa, dizendo que está com uma cólica absurda, de não conseguir nem andar. Você vai à casa dela e ela te recebe dócil, superamável. Faz uma cara de coitada, como se nada tivesse acontecido na noite anterior, e te pede pra ir à farmácia comprar um Atroveran, Ponstan ou Buscopan pra acabar com a dor dela. Você sai pra comprar o remédio meio aliviado, meio desconfiado 'O que aconteceu?', você se pergunta. 'Tudo bem'. Você pensa: 'Acho que ela se livrou do encosto'. Pronto! A paz reina novamente. A cólica dobra (literalmente) a fera e vocês voltam a ser um casal feliz. Pelo menos até daqui a 20 dias...

pet
2Hop
j.d
OFERTAS
DA SEMANA,
BICHO!



PARA AS GORDINHAS, A SENSACÃO DO MOMENTO:
O CACHORRO LIGHT!



TEMOS TAMBÉM ESTE LINDO VIRALATINHA, MAS
AVISAMOS QUE ELE ANDA COM UMA PATA FUDIDA.

Esta revista saiu como uma homenagem aos vinte anos da morte de John Lennon e o Camilo me pediu para escrever algo sobre este fato, já que somos beatlemaníacos. O tema é relativamente fácil de se desenvolver, pois o cara foi, e ainda é, meu maior ídolo na música, mas o que escrever sobre John, que já não tenha sido escrito, ou mesmo filmado, registrado, documentado, fotografado ou gravado? A história todos sabem: Lennon foi um dos ícones da arte pop deste século que se finda e foi o líder da maior banda de rock que jamais existiu. Pra que então chover no molhado e ficar contando o que todos já estão carecas de saber. O melhor a fazer é escutar John. Coloque "A day in the life" ou o álbum Imagine no CD player e compreenda John. Ele é algo mais do que para ser entendido, ele deve ser sentido também.

O que me intriga é um sujeito qualquer que sai de sua insignificante existência e entra para a posteridade como o homem que fuzilou o ex-beatle. Mark David Chapman é o nome do assassino e hoje cumpre pena perpétua numa cela em Nova York. Duro de agüentar é a causa da morte de John. Chapman não atirou por ódio, por vingança, sequer queria assaltar Lennon. O motivo não foi político, religioso ou de intolerância. Ele queria apenas ser famoso como sua vítima. O frio algoz ainda teve a cara-de-pau de pedir um autógrafo ao ex-beatle na noite anterior ao crime. Chapman, também assinou o livro do hotel no qual estava hospedado como J. Lennon e sabe-se que era um músico de péssimo talento. Porém, não foi comprovado que tivesse problemas mentais, por isso ele

CRISTÓFARO Cabeto*

FAMA

PUBLICADO ORIGINALMENTE NA EDIÇÃO Nº 02



2001



cumprir pena numa cadeia comum sem cuidados especiais para doentes mentais.

Chapman não é um psicopata, esquizofrênico ou seja lá qual for o termo científico para classificá-lo. Todo o conhecimento médico foi insuficiente para encaixá-lo em alguma patologia. Acredita-se que ele tenha fuzilado John por anseio à fama. A vontade de ser conhecido o levou a matar cruelmente, com a frieza dos

assassinos profissionais. O pior é que o crápula conseguiu seu objetivo: ele já entrou para a história. Até me fez perder tempo escrevendo essas linhas sobre ele. Ao pensar neste assassino chego à conclusão de que a estupidez humana não tem limites. Infelizmente!

P.S.: Uma coisa boa! Escute "No céu com diamantes" música de Bete Guedes feito em homenagem para John. A arte supera e alivia a dor da morte.

* Carlos Roberto Carli (Cabeto), é músico e jornalista





GUERRILHEIROS DA MENTIRA

Hermínio Prates

Encontrei entre os guardados uma deliciosa crônica do poeta Sérgio Antunes, publicada pelo Estadão, que fala dos inventos e desinventos que fazem parte da história do homem, nessa louca corrida não se sabe para onde. Ele começa nos lembrando que “houve um tempo em que os homens usavam chapéu. As casas tinham um porta-chapéu, nos filmes antigos é possível ver que o galã esquecia o chapéu. Difícil de esquecer, aliás. Não saía da cabeça nem nas brigas mais violentas... hoje ninguém mais usa. Só mariachis e eu, quando me disfarço de cronista. Decididamente, desinventaram o chapéu”.

E o cronista segue brincando com os modos da moda, as idas e vindas nesse mundo de consumistas irrecuperáveis. Leia outra vez, escrevi “consumistas” e não comunistas, que já foi sinônimo de perseguido, hoje é grife de pseudos esquerdistas, bem postos na vida.

Outro dia abordei esse modo de se ver as coisas, digo, o atual “dolce far niente” de senhores sessentões que passam de ex-guerrilheiros, ex-torturados, ex um punhado de coisas (que nunca foram), mas que hoje rende dividendos políticos, boquinhos bem remuneradas na máquina estatal e até a admiração de jovens universitários quando esses heróis de mentirinha fazem “palestras” nas salas de aula.

Claro que muitos sofreram, inúmeras foram as vítimas, poucos escaparam da sanha assassina dos homens de botina. Os mártires merecem o reconhecimento; os espertalhões nunca. E os espertinhos são muitos, mais do que os primeiros. Quem quiser que faça as contas: se a guerrilha tivesse contado com tantos que hoje posam de heróis, a esquerda teria vencido. Mas não foi assim...

Há muito tempo falei sobre o assunto no microfone da Rádio Inconfidência, durante um programa apresentado pela chefe de Jornalismo, Elenice La Guardia e pelo veterano Fábio Vieira. A dupla fez um excelente trabalho e produziu rico acervo com os profissionais do rádio. Depois de um século sem ver o Fábio Vieira, em um dia qualquer perdido na memória atendi o telefone e era ele, o antigo repórter da finada Guarani AM (não confundir com a Guarani FM, que nunca foi finada e continua muito boa). Após os costumeiros “com vai, tudo bem?”, recebi o convite para participar do programa deles. Nunca me julguei possuidor de mérito para tanto, mas diante da possibilidade de rever o ex-colega do Diário de Minas e da boa turma com quem convivi durante o tempo em que tentei chefiar o Departamento de Jornalismo - além do prazer de prostrar com a Elenice - lá fui eu para a Rádio Inconfidência.

No meio das muitas perguntas e respostas, surgiu a inevitável indagação sobre a nefasta ação da censura nos negros tempos da ditadura. Essa, a censura, claro que houve, mas já ouvi muita gente por aí falar muita bobagem, narrando atos heróicos, coisas que não aconteceram, muito menos com eles, beneficiados que são pela falta da memória nacional.

Até que dá para entender, afinal o exemplo vem de cima. Todos conhecem a história de um certo professor, para quem um bem ensaiado lobby produziu o título de “príncipe dos sociólogos”. Pois esse príncipezinho de araque, filho bem nascido de berço militar, “fugiu” para o exterior já com bom em-

já com bom emprego arranjado, viveu lá fora numa boa e voltou quando quis, pois o nome da família garantia a impunidade, se algum crime houvesse. Voltou, reforçou os conceitos socialistas, escreveu, publicou e se transformou, de acordo com as conveniências, em um democrata. E, por favor, ponham aspas nesse “democrata”. Afinal, ele apenas favoreceu politicamente com a pose de socialista, mas daquele socialismo de sala vip, e não, como escreveu o Ariano Suassuna na Folha de S. Paulo, que “devemos olhar para o Brasil ... para seguir e aprofundar (no campo social, político e econômico) o caminho indicado por Antônio Conselheiro - aquele socialismo-de-pobre que, para nós, foi uma picada aberta em direção ao sol de Deus”.

O sociólogo, vocês sabem, fez pose no Senado, por um nada quase foi ministro do Collor, deu sorte com o Itamar e acabou presidente dessa terra, onde já não canta o sabiá - a ave perdeu as asas da liberdade e foi abatida pelo bodequão da privatária.

Falei dos desinventos? Pois mesmo depois de gastar tantas linhas citando a politichalha em um texto que se pretende sério, ainda dá para citar outra desinvenção: a coerência foi para o beleléu, fulminada pela mosca azul do poder que infectou o ex-irado barbudo das ingratas causas, hoje travestido de presidente bem comportado.

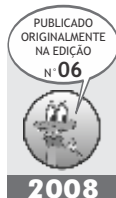
Outra desinvenção: aquelas bolsas enormes que os homens usavam penduradas no ombro ou as menores, que também eram um trambolho e que as pessoas quase sempre esqueciam nos lugares mais esquisitos. Desinventaram as duas, mas antes que isso acontecesse, o jornalista Sylvio Abreu, que publica tantas coisas por aí, bateu o recorde mundial: ele usava a maior capanga a tiracolo que já vi. Diziam os mais ferinos que daquela sacola - sempre com um jornal dobrado para ser lido em casa - podiam sair os mais inesperados objetos: folhetos de cordel, LP de Mercedes Soza, bonecos cangaceiros do mestre Vitalino, cordas da viola do Chico Buarque, fios do antigo bigode do Brizolla e o até hoje indispensável trim.

Sim, o simplório trim. Como cortar as unhas da mão direita sem um trim? Dizem que muitos se casaram só para ter alguém para cortar as unhas da mão direita - ou da esquerda, se fosse o caso. Afinal, quem, além do Zé do Caixão, iria querer usar garras vampírescas?

Tai, outra desinvenção: o Zé do Caixão foi atropelado pela incredulidade dos filhos da internet.

Ou, como diz Wagner Martins, doublé de jurista e escritor:

Fritar torresmo sempre foi uma arte...



2008

Hermínio Prates estreia na **Jararaca Alegre**. Publica no Pauta, jornal do Sindicato dos Jornalistas, Serra Geral [de Janaúba], Jornal da Esquina [de Caratinga] e no www.jornalistasdeminas.org.br

Brasil bate novo recorde na produção de automóveis...



Gilmar | OCRE





1º Lugar / Cartum - Ronaldo - Vacaria-RS



1º Lugar / Charge - Maxwell - Pinhais-PR



Amâncio - Natal-RN



Biratan - Belém-PA

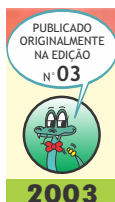


J. Bosco - Belém-PA

Vencedores e finalistas do 5º Salão Internacional de Humor de Caratinga (2004)

A edição nº 3 da nova série da J. A. trouxe a cobertura do 5º Salão. Nestas páginas, alguns dos trabalhos que fizeram mais sucesso!

Os vencedores do Salão recebem o TROFÉU PERERÊ



1º Lugar / Caricatura - Sérgio Dias - Rio de Janeiro-RJ



Verde - São Paulo-SP



Jonatas - Teresina-PI



Jota-A - Teresina-PI



Hussar - Piracicaba-SP



Lézio Jr. - S. J. do Rio Preto - SP



Luciano - S. Pedro-SP



Moura - Rio de Janeiro-RJ



Fabricio - Rio de Janeiro - RJ

Enquanto isso,
no céu...



Senhor! Quanto é,
para vós, um milhão
de anos?



Um minuto.



Hummm...



E quanto é, para
vós, um milhão
de dólares?



Um centavo.



Eeerrr...
Senhor?...

Sim?...



Me empresta um
centavo?



Espere um
minuto...





Ela era minha namoradinha da zona e eu queria casar com ela.

Ela ama a liberdade da zona
E eu querendo ela só pra mim
Ela é dona da noite
Dona do sexo
Dona de si
Dona de si o bastante
Para se dar a quem quiser
Para se dar por dinheiro
Ou por tesão e amor

Noites a fio passei com ela
E viajei do céu ao inferno
Sem escalas, ida e volta
Momentos de céu compensando
Dias de inferno
Que eu também dei a ela

Ela era minha namoradinha da zona
E eu querendo casar com ela.
Era tão bom a gente na zona
E eu querendo levá-la pra casa
Ninguém pode ser dono da liberdade alheia
Eu sabia disso, mesmo assim tentei
Esqueci que ela tem asas de borboleta
E asas servem para voar.

Hoje tudo o que eu queria
É que ela quisesse de novo ser
Minha namoradinha da zona.
E ligasse pra mim dizendo assim

Que hoje não quer dar por dinheiro
Pra aqueles caras feios, sujos, bêbados e mal-educados
Poetas, malditos, sem rosto, sem nome
Geniais, burros, sujos e subversivos
Gordos, suados, perfumados em excesso
Fedidos ou insossos
Negros, pardos, brancos e amarelos

Que hoje ela está carente
E quer dar pra mim
Por tesão e amor.



Camilo



Durante um tempo - entre 78 e 88, por aí - a **Jararaca Alegre** era feita por uma equipe denominada **BBC**. Fizemos tanto sucesso que um pessoal lá de Londres plagiou nosso nome, e como não tínhamos registrado, perdemos pra eles. A **BBC** era Baby, Boca e Camilo - a não ser que você perguntasse pro Boca, que responderia que era Boca, Baby e Camilo. Como eu era o último da lista, deixava o pau quebrar pra lá. E tinha também o Aspirino (Gripinim), nosso brioso diretor de faxina. Uma grande amizade surgiu nesta época, em meio a muitas zuações, desvios de ruas por causa do furor das nossas vítimas, bunfes na cabeça (e estebunfes para os reincidentes), festivais de música, festas movidas pela **Jararaca Som** no terraço do Baby e do Camaleão, porres homéricos e bodes maçônicos, enfim... neste período, circularam por volta de 30 edições mimeografadas e, posteriormente, em off set do fanzine *Jararaca Alegre*, e o tanto que o pessoal ria quando saía uma edição não era um décimo do que nós mesmos ríamos ao confeccioná-la. Bons, bons tempos mesmo! Em nome destes tempos homenageio aqui meus colegas da BBC: Marcelo Baby (1), Flávio Boca (3) e Agripino Vilas Novas (4). O melhor de tudo é que somos amigos até hoje. Viva a amizade!

Camilo (2)

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS



Regularização Fundiária
(Urbana e Rural)
Licenciamento Ambiental
Averbação de Construções

Luiz Carlos Riquete Vaz

(33) 9109.0775 TIM | 0038.0626 VIVO | 8821.6024 OI
Travessa Cel. Santos Mestre, 69 | Centro | Caratinga | MG
CEP 35.300-000 | riquete@hotmail.com

RAFAMOTO

www.rafamoto.com.br

Concessionária  **HONDA**

Caratinga - Barbacena - S. João Del Rei



PLANALTO
CONTABILIDADE

Rua Raul Soares, 194, Caratinga - MG

(33) 3321-3279



Marmoraria do Juslei

Avenida Presidente Tancredo Neves, 2781, Caratinga -
MG



LUBRIFICANTES & FILTROS

DISTRIBUIDOR AUTORIZADO



(31) 3389-8600 - www.fmvlubrificantes.com.br

CARATINGA

Av. Moacir de Matos, 161 - Centro

(33) 3321-3207



Rua Raul Soares, 81, Caratinga - MG

(33) 3322-4400

TRADIÇÃO
soluções imobiliárias

Caratinga - Ipatinga - Manhuaçu
Santana do Paraíso - Timóteo
Coronel Fabriciano
Governador Valadares

www.tradicao.net



Caratinga ^{ca}chaça

Agradecimentos também ao amigo Léo Lessa e ao grande Monsenhor Raul Motta de Oliveira.

**Apoiando a cultura e proporcionando
uma boa viagem
também para a sua imaginação.**



RIODOC

Consulte nossos itinerários e outras informações: www.viacaoriodoce.com.br

PATROCÍNIO



INCENTIVO

